

L. de S. Paulo

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

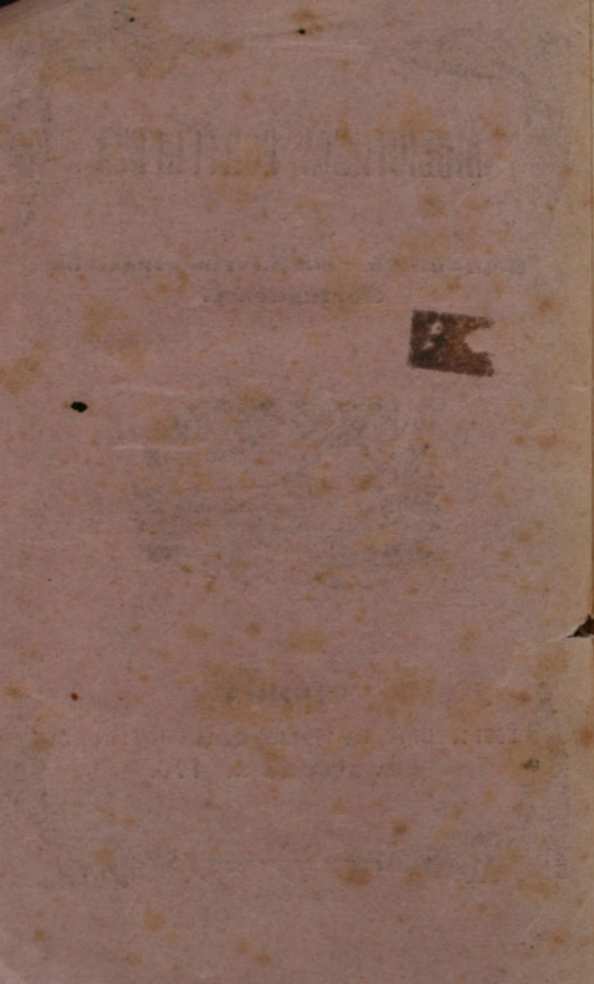
OU

Reprodução dos Livros classicos
Portuguezes.



LISBOA.

ESCRITORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA
RUA AUGUSTA N.º 110.



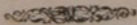
Fernando Pessoa

Julho 1902

OBRAS

DE

D. FRANCISCO CHILD ROLIM DE MOURA.



LISBOA

ESCRITORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

Rua Augusta N.º 110.

—
1853.

OPRAS

III

D. FRANCISCO CHILD ROLIM DE MOURA



LIBRARIAS

REPTORIO DA BIBLIOTECA NACIONAL

Rua Augusta 7 e 100

TYPOGRAPHIA DE F. I. PINHEIRO.

Rua da Annunciada N.º 14.

MEMORIO DE COMISSÃO DO

GOV. DO ESTADO DO RIO

DE JANEIRO

NOTICIA

DA

VIDA E OBRAS

DE

D. FRANCISCO CHILD ROLIM DE MOURA

Tirada do Capitulo II do Livro IX

do Ensaio Biographico-Critico

sobre os melhores Poetas Portuguezes

pelo Sr. José Maria da Costa e Silva.

—

De uma familia mui nobre, e oriunda da Normandia, nasceu em Lisboa no anno de 1572 D. Francisco Child Rolim de Moura, que foi Senhor de Alantargel, e de Azambuja, e Commendador da Commenda de Nossa Senhora da mesma Villa.

Seus pais lhe deram a educação esmerada, que naquelle tempo se dava em Portugal aos

fidalgos, obrigando-o não só a completar o curso de humanidades, em que se distinguio muito no conhecimento das linguas antigas, na Rhetorica, Poetica, e Philosophia, assim como depois nas sciencias maiores, tornando-se mui perito nas Mathematicas, segundo o testemunho dos seus contemporaneos.

Terminados os seus estudos, entrou no serviço publico, foi admittido no Paço, onde sempre encontrou bom gasalhado, desempenhou diversos cargos, e entre elles o de Presidente da Junta das Lysirias, repartição que foi creada durante o regimen dos Hespanhoes em Portugal.

Casou duas vezes, e teve geração de ambos esses matrimonios.

D. Francisco Child Rolim de Moura desde os seus primeiros annos manifestou uma grande paixão pela poesia, que sempre cultivou assiduamente nas folgas, que lhe deixavam os trabalhos da sua vida publica, e sempre foi mui estimado pelas suas composições poeticas, mas por desgraça quasi todas se perderam, ou

existem sepultadas no pó das Bibliothecas particulares, á excepção dos Novissimos, Poema em quatro Cantos, em formato de 4.^o, que foi publicado na Typographia de Pedro Chrasbeck em 1623.

Compoz tambem grande numero de obras em prosa sobre differentes e variados assumptos, a saber: *Apologia do Poema dos Novissimos*; *Advertencias sobre alguns erros de Luiz de Camões na composição dos seus Lusíadas*; a *Arte de Tourear*, em que tractava largamente das regras e primores deste exercicio, que sempre foi, não sabemos porque, mui agradável tanto á nossa como á nobreza hespanhola; *Afforismos* dirigidos a seu filho D. Manoel Child Rolim. Estas obras prosaicas não tiveram melhor sorte que as poeticas, pois estas e outras ficaram tambem sepultadas no esquecimento, publicando-se sómente *Commentarios de Juan de Vega* explicados por D. Francisco Child Rolim de Moura, impressos tambem por Chrasbeck, em 1628, em formato de 4.^o

D. Francisco Child Rolim de Moura juntava á condição de Poeta e Litterato as prendas de Cavalleiro, sendo muito extremado em montar a cavallo, e em esgremir com perfeição toda a sorte de armas.

No meio da abundancia dos bens, rodeado da estima publica, e no centro da sua familia, sem ser nunca inquietado nem perseguido durante o largo periodo da dominação hespanhola, que foi tão fatal para tantas personagens distinctas, viveu D. Francisco Child Rolim de Moura sessenta e oito annos, até doze de Novembro de 1640, em que falleceu.

O seu corpo foi conduzido á Igreja da Misericordia da Villa de Azambuja, onde lhe fizeram sollemnes exequias, e jaz sepultado na Capella Mór da referida Igreja.

O Poema dos *Quatro Novissimos do Homem*, que foi recebido pelo publico com tanto applauso encomiastico, que suscitou tão vivas discussões, está hoje perfeitamente esquecido, sendo um dos livros mais difficultosos de encontrar, nem me consta que delle se fizesse

segunda edição. Parece-me que duas causas influíram para isto. Primeira a tristeza do assumpto, segunda a fraqueza da execução.

Para grangear as sympathias do Leitor, para lhe dar prazer com um Poema de quatro Cantos, em que se não tracta senão de *Morte*, de *Juizo*, do *Inferno*, e do *Paraizo*, é necessario ter o genio de Dante, e a sua expressão pictoresca, e imaginação creadora e original; ou a sensibilidade de fogo, e colorido energico, e a philosophia sublime e religiosa de Young, e saber, como ambos, combinar o mundo visivel com o invisivel.

A *Divina Comedia* do Homero Ghibellino é na verdade uma pintura energica do Inferno, do Purgatorio, e do Ceo; mas em todos estes locaes apparece alli a representação da Italia daquelle tempo, com os seus heroes, os seus tyrannos, os seus costumes, as suas virtudes, odios, crimes, e parcialidades, e a personalisação da idade media em toda a sua grandeza semi-heroica e selvagem, e as suas proporções gigantescas.

Nas noites de Young as meditações sobre a morte, a virtude, os delictos, e as miserias da humanidade, são accessorios de moralidade, e poesia sublime, que servem de campir magestosamente o painel, em que vemos um pai que no delirio da saudade abraça o tumulo de uma filha querida, derrama lagrimas sobre elle no silencio da noite, associa á sua dôr todos os seres existentes em todo o mundo, e com o exemplo da sua desventura procura converter os homens, e revoca-los do caminho errado, que levam, illudidos com os bens apparentes da terra; mas estes dotes, e estas idéas quem poderia depara-las em um Poeta Portuguez do seculo dezeseis?

Qualquer que seja o merito poetico dos *Novissimos*, que eu não pertendo contestar-lhe, é certo que naquella obra o Theologo suffoca o Poeta, que a devoção apaga a invenção, e que nem o estylo, nem a versificação corresponde á grandeza do assumpto.

Cada homem ajuiza com as suas idéas, e sente com o seu coração; não sei o que sue-

cede aos outros, porém a monotonia, seja de pensamentos, seja de imagens, seja de estylo, ou de versificação, é uma das cousas que peior effeito fazem em mim na leitura de qualquer Poema; e o Poema dos Novissimos não é pouco cívado desta enfermidade, e creio mesmo que ella é em parte inherente ao assumpto. Por isso me parece que este é do numero daquelles, que é prudente não tractar como assumpto de Poema, mas sim como quadro episodico de outro, como egrégiamente praticou Klopstock, fazendo do Juizo final um episodio da sua Messiada, e ahi mesmo, apesar da viveza de colorido, e da originalidade das pinturas, magistralmente desenhadas, e gravadas por aquelle grande mestre, creio que serão bem poucos os Leitores, que não desejassem que o Poeta tivesse abbreviado mais aquella scena tremenda.

O Juizo final tem sido uma tentação para quasi todos os grandes Pintores, que tem caprichado em deixar-nos um quadro que o represente. Tenho visto as gravuras de alguns

delles, e sinceramente confesso que ainda não achei um só, de que ficasse satisfeito, pois todos elles me parecem decahir no monstruoso, e no ridiculo, um pela invenção, outro pelo desenho, outros pelas actitudes: acreditará alguém que houvesse Pintor de grande merito, e grande fama, que levasse a indecência, por não lhe chamar demencia sacrilega, de neste tremendo espectaculo retratar a um canto do inferno certo Cardeal seu inimigo coberto com uma pelle de burro, cujas enormes orelhas se lhe levantam aos lados da cabeça? Não é isto uma escandalosa profanação, e mais escandaloso ainda que o Papa, a quem o dito Cardeal se queixava daquelle insulto, lhe respondesse rindo: «Tenho muita pena de não vos poder fazer nada; porque a minha authoridade não é bastante para tirar ninguem do inferno; se vos tivesse posto no purgatorio seria outra cousa.»

Da escolha de um bom assumpto depende mais do que se julga a fortuna de um Poema: um bom assumpto inspira e ajuda o Poeta na

composição, mas não succede assim quando elle, em vez de soccorro, só apresenta difficuldade e obstaculos, e ás vezes impossiveis de vencer. Que prazer póde achar um Leitor, não sahindo do objecto de que tractamos, em lêr um canto inteiro, que se reduz a dizer-nos que infallivelmente havemos de morrer, e que é uma hora de afflicção, e de agonia, a hora do passamento; outro em que de principio a fim se vão enfiando umas nas outras, pinturas de tormentos horriveis, espantosos, e eternos? Qual será o homem de imaginação viva, e de coração sensível, que se não horrorise vendo comparecer perante o Tribunal do Supremo Juiz a humanidade inteira para ser condemnada a penas sem fim, com mui pequenas excepções? Estas verdades tremendas são proprias para o Christão meditar nellas no silencio do seu gabinete, ou para soarem no pulpito na voz eloquente do Ministro do Evangelho, mas tornam-se insupportaveis n'um Poema; e não será temeridade em um Poeta o querer descrever os prazeres da visão beati-

deus de Verdade, tudo isto honra os olhos para
 ver a sua natureza que não conhece, e que é
 superior a toda a compreensão humana? Todo
 o resto de Deus, todo o seu profundo saber
 desconhecer não pode existir que elle, na Can-
 tica de Davida, não parecesse inferior a si
 mesmo nas suas intercessões, não prova com
 quanta razão chama Hebraico na sua famosa Arte
 Poetica:

*De la foi de Christian les mysteres terribles
 D'ornementz equipis ne sont point susceptibles.*

Mas apesar das graves imperfeições, que se
 encontram neste Poema, seria muito para de-
 sejar que elle se fizesse nova edição, tanto
 porque se velle instruir bellem poeticas,
 como pela pureza e elegancia de linguagem
 com que se velle ensinar, e que torna a sua
 leitura de grande interesse para os que estu-
 dam a lingua Hebraica.

*Quando o Poeta descreve a Deus Boga-
 do, e a sua natureza, quando se trata de*

obras pouco conhecidas, cita o Sr. J. M. da Costa e Silva alguns trechos do Poema, fazendo as seguintes observações :

A' Est. V do Canto I :

A immensidade, em que Deos habita, não é imaginaria, mas real. O que o Poeta quiz dizer foi que essa immensidade não cabe nos limites da imaginação dos entes creados, mas o vocabulo, de que se serviu, está bem longe de exprimir essa idéa.

A' Est. VII do Canto I :

Imitação daquelles versos de Torquato Tasso no seu Gofredo, Canto IV Estança XI :

*Stolto, ch'al Ciel s'agguaglia, e in oblio pone
Come di Dio la destra irata tuone.*

A' Est. XIII do Canto I :

O Poeta pinta-nos aqui Lucifer com os dentes enlapusados de sangue; desejaria vêr como explicava, como o Diabo mór podéra achar sangue em uma furna só habitada de espiritos incorporeos, e quando no mundo se não tinha ainda derramado o de algum ani-

mal, porque ainda nelle não havia entrado o furor, nem a morte.

A' Est. XIV do Canto I:

Fazer que o throno do Rei d'Averno esteja assente sobre dous degraus, e que estes sejam a desesperação eterna, e o eterno odio, é uma idéa poeticamente sublime, que Milton não despresaria se lhe occurresse: no resto não se aparta Francisco Child Rolim de Moura das noções do Inferno, que vogavam no seu tempo. Os Pintores da idade média, embuidos nas imaginações fradesças, e pouco apurados em gosto, querendo exaggerar a fealdade dos Demonios, lhe deram fórmãs monstruosas, e estravagantes: pintando uns meio feras, e meio humanos, outros com azas de morcegos, unhas de harpias, caudas de serpentes, e todos com pés de cabra, e cornos desmedidos, e mais descommunaes á proporção da maior dignidade que occupavam na côrte do Rei da Perdição; assim vieram a lançar sobre os Reinos do Tormento uma tinctura grotesca, quando o pretendiam fazer terrivel: os Poetas seguiram o

seu exemplo, e pintaram os inimigos do genero humano com o mesmo desenho e colorido com que os viam nos paineis e nas legendas! Os supplicios no Inferno de Dante, são quasi sempre tão phantasticos e tão grotescos como as figuras e os nomes dos seus Demonios. O mesmo Torquato Tasso, cujo bom senso era igual ao seu talento, não escapou nisto á influencia do seu seculo. É só por ella que póde desculpar-se o hayer dito, fallando dos Demonios em Poema de estylo tão serio e magestoso como o Gofredo:

*Stampano alcuni il suol de ferine orme,
E in fronte umana han chiome d' Angui attorte,
E lor s'aggira dientro immensa coda,
Che quasi sferza se ripiega, e snoda.*

*Qui mille immonde Harpie vedresti, e mille
Centauri, e Sphynghi, e pallide Gorgoni,
Molte, e molte latrar voraci Scille
E fischiar Idre, e sibilar Pithoni,
E vomitar Chimere atre faville,*

E Polyphemi horrendi e Gerioni

E in nuovi mostri, e non piú intesi, o vistó

Diversi aspetti in un confusi, e misti.

É necessario confessar que os Espiritos das Trevas mascarados em Centauros, Esphynges, Harpias, Pithons, Chymeras, Geriões, e Polyphemos são mui estranha comparçaria na magnifica scena do Concilio Infernal do Canto IV da Jerusalem Libertada.

Não deve parecer de melhor gosto este hyperbole a respeito de Lucifer

*Siede Pluton nel mezzo, e con la destra
Sostien lo sceptro ruvidos e pesante,*

Né tanto seoglio in mar, ne rupe alpostra,

Né piú Calpe s'inalza, o il magno Allante,

Che anzi lui non paresse un picciol Colle ;

Si la gran fronte, e le gran corna estolle.

mas estes desparates, e a nojenta idéa do fetido, que lhe sahe pelas fauces, depressa no-las faz esquecer o Poeta com o discurso energico

e soberbo, que immediatamente põe na boca do Principe das Trevas. Tal é o privilegio do genio, resgatar as faltas á força de grandes bellezas.

O estylo deste exordio é poetico e elegante, a linguagem pura, as oitavas bem construidas, e a versificação corrente e sonora; mas no corpo do Poema o Author insiste ás vezes demasiado na mesma idéa, presentando-a de diferentes modos, e tornando-se assim diffuso e cansado; este defeito póde observar-se no exordio do segundo Canto, que seria muito mais bello, se o Author corresse com elle mais rapidamente, prevenindo a saciedade do Leitor, mui difficil de evitar-se em semelhantes assumptos.

A' Est. XXVI do Canto III:

Imitação de Dante, que na sua *Divina Comedia* finge que nas portas do Inferno está gravada esta sublime quanto terrivel inscripção:

Per me si va nella Citá dolente,

Per me si va nell'eterno dolore,

Per me si va tra la perduta gente

*Justezia mosse il mio primo Fattore,
Fecemi la divina, Potestate,
La somma Sapienza, e il primo Amore.*

*Imanzi a me nò fur cose create,
Si non eterne, ed io eterno duro,
Lasciate ogni speranza, oh voi, ch'entrate.*

A' Est. XXX do Canto III :

Nesta Estança ha duas cousas a notar ; primeira a estranha accepção em que está aqui tomado o vocabulo *policia* ; a segunda que o Poeta diga que as joias feridas do Sol pareciam *luminarias celestes* ; acaso os raios do Sol penetram no Inferno ? Não disse elle ha pouco que tudo eram trevas ? Não basta crear boas imagens, achar correlações brilhantes, é necessario colloca-las bem, e aonde não produzam disparates.

A' Est. XXXV do Canto III :

As Scillas, as Hydras, as Gorgonas, que supponho que é isto o que o Poeta designa pelo insolito vocabulo *Gorgões*, são na verdade muito mal collocados em um Inferno Christão ; mas parece que os Poetas de todas as nações

não podem, fallando do abysmo, passar sem estas figuras mythologicas: o mesmo Milton não evitou esta escolha; Klopstock é o unico, que eu conheça, cujo Inferno seja inteiramente conforme com as nossas idéas theologicas, sem mistura de Paganismo.

A' Est. XLIII do Canto III:

É necessario que este logar do Inferno seja bem amplo para poderem caber nelle todos os réos deste peccado, que tão trivial tem sido sempre no mundo! Os maus conselhos dados aos Reis tem sido sempre a causa primaria das desgraças dos Povos, e da ruina dos Estados: os nossos antigos Legisladores estavam tão persuadidos disso que nas Ordenações do Reino impozeram pena de morte áquelles que não fallassem verdade ao Rei; e quem lhe falla menos verdade que os que os aconselham mal, e para lisongear seu gosto, sacrificam os interesses dos Povos?

A' Est. LI do Canto III:

Aqui o Poeta, que seguia os principios da Eschola Italiana, e que em geral mostra no

seu modo de escrever um gosto bastante apurado, se entregou um pouco á verbosidade e jogos de palavras, que andavam em moda no seu tempo; tão contagioso é o exemplo! Tão difficil é escapar á influencia da moda, que em todas as cousas exerce despoticamente o seu imperio!

A respeito do Inferno deste Poema:

O que principalmente distingue o Inferno deste Poema dos que tem sido pintados e descriptos por outros Poetas, é ser, digamo-lo assim, um Inferno em expectativa, pelo menos em relação ao genero humano estão promptos os tormentos, já ardem os fogos que devem tostar eternamente os reprobos, que ainda não nasceram, pois o mundo se acha em seu principio, e o unico homem que tem pago o censo á morte é Abel, e Abel era justo, que tinha por suas virtudes achado graça diante do Senhor: são ainda os anjos rebeldes os exclusivos habitantes daquella região das trevas, e theatro da vingança de Deos.

Sobre o Poema em geral:

Uma das cousas, em que Francisco Child Rolim de Moura me parece que se tornou digno de muito louvor, e deu prova de abalissado tino, e talento poetico, foi em dar ao seu triste assumpto uma tal qual fórma dramatica, que não deixa de lhe dar movimento, vida, e interesse, e isto mostra um conhecimento da arte mui superior ao que havia no seu tempo, e isto basta para lhe grangear a estima e a indulgencia dos Criticos do nosso; devemos lembrar-nos de que elle abriu um caminho novo para o Pindo, sendo o seu o primeiro Poema deste genero que se compoz em lingua Portugueza.

Para fazer conhecer aos Leitores o estylo e a versificação lyrica deste Poeta, aqui transcreve o Sr. J. M. da Costa e Silva dous Sonetos de Rolim de Moura dirigidos ao engenhoso Poeta Manoel de Galhegos: o primeiro escripto para celebrar a publicação do seu Poema Hespanhol, que tem por titulo *La Gigantomachia* ou a Guerra dos Gigantes contra os Deoses do Olympo; e o segundo em louvor do *Templo da Memoria*, que o dito Galhegos compozera para celebrar o casamento do Duq ue de Bragança, depois Rei de Portugal com nome de

D. João IV, com a Senhora D. Luiza, filha do
Duque de Medina Sidonia.

SONETOS.

De nativo valor pechos armados
Armas fatales, monstros arrogantes,
Com gigantea fuerza entre Gigantes
Los montes sobre montes colocados.

Impulsos de Elementos perturbados
Cielos ardiendo, balas fulminantes,
Y de las Deidades militantes
Intactos hilos d'Atropos cortados.

Efeitos son al vivo resumidos
Merabillas aonde las menores
Ya no temen que el Tiempo las consuma.

Si a logar mas sublime por vencidos,
Del que conquistariam vencedores
Volaron muertos solo en una pluma.

*Bem foi de nova Musa novo intento
Pôr em medida aquella dilatada
Fama, que, em regios troncos sustentada,
C'os ramos toca o alto Firmamento.*

*O portentoso, e grande pensamento
Harmonica pintura sublimada,
O curso ao Lethes tem, ao Tempo a espada
Suspensos do rigor do movimento.*

*A mesma admiração aqui se admira
Fôra gloria da Inveja o invejar-te
Por nos mostrar que a tanto se atrevera,*

*Ao som das armas clausulaste a Lyra,
Á bella Venus, ao soberbo Marte
Opposição fizeste em sua esphera.*

Nam sit de nobis ista non sentio
 Per car medela op velle dicitur
 Fama, que, car regis hanc or naskuloh
 Cor tunc facit o alio formam.

O portulaco, e grande pensamento
 Harmonica pinta e sublimada
 O curso do lachar tem, no tempo e epoca
 Regencia de vapor do momento.

A mesma natureza aqui se admira
 Para gloria da lingua e lingua-to
 For nos mostrar que a lenda se abeira.

A nos das nras dancas e lapa
 A bella fama, no sabido dize
 Opposio fante em sua epoca.

APPROVAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Vi esta Poesia, que se intitula dos Quatro Novissimos, composta por Dom Francisco Rolim, Senhor das Villas d'Azambuja, e Montragil; que se bem no argumento della declara sua piedade, e peito christão, não menos se conhece feliz em o proseguir, obedecendo-lhe a esse intento o mais das sciencias humanas, valendo-se das Divinas Escripturas, e do melhor que dellas recolhêrão os Sagrados Theologos, como que se com os professores de hũas e outras letras gastára os annos. Obra na invenção e traça engenhosa, nas sentenças grave,

rica nas palavras, no estylo subida e elegante ; e em breve, obra a cujo Author a sciencia e eloquencia podem agradecer que, em tão estreito theatro, tão vivamente as mostrasse. No que tenho efficaz motivo de o approvar, e fundamento seguro de esperar toda a aceitação dos que a lerem. Quanto mais que professando o Author antes armas que letras, assaz fôra parar com intento na esperança de algũa occasião, em que podesse segundar o valor de seus passados, no intento christão da conquista da Casa Sancta ; e quando menos parar na grande parte, que forão na tomada desta Cidade aos Mouros, que de hũa, ou outra maneira, bem mostrava nesta obra como faria, que a par vivessem a espada e a penna.

Em Lisboa, 13 de Abril de 616.

D. Balthasar Alvarez.

LICENÇAS.

Vista a approvação do Padre Balthasar Alvarez póde-se imprimir a dita obra.

O Bispo Inquisidor Geral.

Póde-se imprimir este Poema dos Quatro Novissimos.

Lisboa, 24 de Setembro de 622.

Viegas.

Póde-se imprimir este Poema dos Quatro Novissimos, vistas as licenças do Sancto Officio, e Ordinario. E não correrá sem tornar á Mesa para se tachar.

Em Lisboa, a 9 de Novembro de 1622.

Moniz.

J. Ferreira.

D. de Mello.

A DOM MANOEL CHILD ROLIM DE MOURA.

Filho, o que pude conquistar em consideração daquella vida e morte que durão para sempre, vereis no que se segue, e desejando eu que fosse este meu trabalho vosso, venceo o antigo direito, que este Reino em nós tem, de conquistarmos para elle, e fez, que fossem seus, estes meus pensamentos, que creio defendereis melhor pelo dono que lhe vedes, que se vós proprio o fosseis. A benção de vossos Avós, permitta Deos que vos cubra, que a ambos nos não fica mais que desejar.

Azambuja, em 12 de Dezembro de 1622.

V. Pai.

NUNO DE MENDONÇA, DO CONSELHO D'ELREI
NOSSO SENHOR, PRESIDENTE
DA CONSCIENCIA.

Da morte, do juizo, e do tormento,
Apesar do temor mais espantoso,
Formais tão novo canto, e sonoro,
Que até no Estygio faz suave accento.
Da gloria a que se rende o pensamento,
Hum resplendor mostrais tão luminoso,
Que o que sobre ella fôr mais glorioso
Di-lo-ha a fé, mas não o entendimento.
Venceis nos quatro fins o espanto humano,
Deixando (por que o mundo mais se espante)
Por quinto fim de engenhos vosso engenho.

Não fica que cantar, nem ha quem cante
Após vós tendo feito o vosso canto,
Da promessa maior mór desempenho.

DOM JOÃO D'ALMEIDA, DO CONSELHO D'ELREI
NOSSO SENHOR.

Orfeo, que lá do Estygio infausto e triste
Nos declaras as horridas procellas ;
Colon, que ao pensamento dando as vellas
Novas Indias Celestes descobriste ;

Por sem duvida tenho que subiste
Sobre os Ceos, sobre o Sol, sobre as Estrellas,
E que, como outro Paulo, nos revellas
Não sómente o que crês, mas o que viste.

Quebranta Adão de Deos o mandamento,
Sendo este crime, e seu perpetuo pranto
Do teu sacro Poema alto argumento ;

E assi se feliz culpa a chama hũ Sancto,
Porque o Ceo nos abriu, eu acrescento
Que por ser tambem causa de teu canto.

MANOEL DA CUNHA, DEPUTADO
DO SANCTO OFFICIO.

Maius Alexander peperit sibi nomen, in arma
 Inserit ingenii dum sapientis opes:
 Aurea Mæonio dum Scrinia servat Homero,
 Et vel in assidua carmina nocte legit.
 Tu tamen, o patriæ decus illustrissime Rolim,
 Ingenium superas Vatis, & arma Ducis.
 Es dux, & pariter vates, pro avumque tuorum
 Illustras duplici nobilitate genus.
 Adde quod egregia novitate Novissima tractans,
 Nectis eximia cum pietate modos.
 Si qua tuis ergo servantur Scrinia Musis,
 Maior Alexandro conditor, orbis habet.

CANTO PRIMEIRO.

CANTO PRIMEIRO.

MORTE.

ARGUMENTO.

Cria depois do Mundo o Padre Eterno
Aquella creatura, a que mais ama,
Contra a qual a conselho o Rei do Averno
Seus ministros crueis convoca, e chama :
Quebra Adão o preceito sempiterno,
Colhendo o fruto da vedada rama,
E desterrado, a morte macilenta
N'um rapto seu horror lhe representa.

ACQUINTO

Cui depois do Mundo o Padre Fyeno
 Aquella exorta, e que mais ama,
 Contra a qual a conselho o Rei do Averno
 Seus ministros eteis convoca, e chama:
 Querem Aão o precetto sagittano,
 Colhando o fructo da vedada terna,
 E deterrido, e morto masculina
 N'um tanto seu horror lhe representa.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

CANTO PRIMEIRO.

11

Eu que cantei profanos pensamentos,
Memorias em meu damno eternisadas,
Vãs esperanças, vãos contentamentos,
Chimeras d'impossiveis fabricadas;
Canto da morte os ásperos tormentos,
Juizo estreito, contas apertadas,
Do rigoroso Inferno a crueldade,
Da inexhausta Gloria a Divindade.

MEMORIAS DO HOMEM II.

Oh Musa, vós aonde o ser humano
 Se fez de eterna graça viva fonte,
 Vós, que não só Estrella do Oceano,
 E verde Planta sois d'Excelso monte ;
 Mas lá no eterno Empyrio soberano
 D'onde não ha quem as grandezas conte,
 De Estrellas coroada, e Sol vestida,
 Sois dos Coros Angelicos servida.

III.

Vós, que na pura essencia transformada
 Como substancia estaes, como accidente,
 Ao Filho em quanto Mãe, em quanto amada
 Aos dois, que são hum só Omnipotente ;
 Tal graça me alcançai, tão sublimada,
 Qual a pede a materia preeminente,
 Que sem ella mal póde o meu talento
 Seguir tão levantado pensamento.

IV.

Já aquella Magestade incomprehensivel
 Do Cahos tinha os dois globos separados,
 Já tinha a maior luz feito visivel
 Quanto o Summo Architecto os tinha ornados;
 Já a Machina Celeste incorruptivel
 Começava seus cursos encontrados,
 Já tem feras a Terra, e no Ar vôão
 As inquietas aves, que o povão.

V.

Quando do Grande Assento levantado
 Naquelle imaginaria immensidade
 Fóra de tudo quanto está creado
 Logar (sem ser logar) da Divindade
 Para o Homem na mente já traçado
 Volta os Olhos Divinos de piedade,
 Com que dando-lhe fórma n'hum instante
 O fez n'alma immortal seu semelhante.

VI.

Diante da visão de immenso objecto
 Aquella nova Terra ja animada
 D'outro Mundo mais bello, e mais perfeito,
 Eterna moradora destinada ;
 Mereceo na brandura do preceito
 Da arvore por elle só vedada,
 Assegurar os bens da Summa Essencia
 Por hũa limitada obediencia.

VII.

Mas em quanto esta obra tão divina
 Foi a Summa Bondade fabricando,
 Do triste Reino o Rei triste imagina
 Como o grande edificio vá minando,
 Julga por nova pena a sua ruina
 O vêr que a Terra ao Ceo vai caminhando,
 Quer atalha-lo, qual se elle ignorasse,
 Como de Deos a ira castigasse.

VIII.

E tendo os pensamentos commovidos
 A tão damnado, e frauduloso intento,
 Manda logo ajuntar os affligidos
 Moradores do Reino do tormento;
 São d'áspera trombeta conduzidos,
 Treme ao som della o cavernoso assento,
 E onde os medonhos écos retumbavão
 A Terra feude, os montes se abalavão.

IX.

Logo os Deoses daquella ignea morada
 Se vêem nas regias portas encontrar-se,
 Cuja fórma não vista, é variada,
 Excede quanto póde imaginar-se;
 No tremendo rigor da morte irada
 Quando em raios fataes representar-se
 O espanto, o temor melhor poderão,
 Nem sombra destas sombras parecêrão.

X.

Hum arrastrando a colla já se via,
 Qual escamosa, e perfida Serpente,
 Acolá vóa a sanguinosa Harpia;
 Aqui rugo o Leão da Libia ardente;
 Outro que a todos juntos parecia,
 Sendo de qualquer delles differente,
 Tem de marinho monstro a fôrma brava,
 Mas são de fogo as ondas que cortava.

XI.

Alli ferinos pés, corpos humanos
 Se vião com disforme respondencia,
 Os Centauros crueis, Tygres Hircanos,
 Medonhos monstros cheios de inclemencia,
 Huivos, sibilos, roncoshumanos
 Fazião a terrible apparencia
 Dos medonhos aspeitos temerosa,
 Se cousa ha no temor tão espantosa.

XII.

Entrão, e nos logares repartidos
 Estavão huns aos outros precedendo,
 A flamma dos assentos accendidos
 Fica novo elemento parecendo :
 Plutão no meio alli dos mais valídos,
 O sceptro ardente intrepido sustendo,
 Preside com tão feia catadura
 Quanto ja foi fermosa creatura.

XIII.

Os scintillantes olhos tanto ardião
 Que cometas infaustos semelhavão,
 Na grã cabeça e barba se esparzião
 Cinzas, que fogo ainda sustentavão :
 Os anhelitos roncões despedião
 Grossos fumos, que o ar inficionavão,
 Livida a côr, os beiços retornados,
 Em negro sangue os dentes tem banhados.

XIV.

Tremendo aspeito, horrenda magestade,
 Que a soberba odiada mais altera,
 Fazião na penosa dignidade
 De indomita aspereza mostra fera ;
 Da Corôa era tal a escuridade
 Que em seu respeito o Chaos resplandecera ;
 Tem dois degraus, o grão throno d'Averno,
 A desesperação, e o odio eterno.

XV.

Estando já o tumulto socegado,
 Correndo todos com medonho aspeito,
 Xion á roda, Syzifo carregado,
 Pararão, e pára á Hydra a voz no peito,
 Fica o Trifauce Cão tambem calado ;
 O Rio se deteve ao grão conceito
 Que o Rei da pena eterna declarava,
 Quando neste silencio tudo estava.

XVI.

Eternos moradores do profundo
Reino, e proprio logar do mór tormento,
Dignos porém d'estar lá n'outro Mundo
Muito além desse bello Firmamento,
Se arrasou o Poder, que he sem segundo,
As machinas do vosso atrevimento,
Commettestes porém tamanha empreza
Que nelle só achou ella a defeza,

XVII.

Não he por isso em nós menos subido
Da nobre geração o grande prego,
Para soffrermos ser-nos preferido
Hum que da Terra vil tem seu começo;
Ah! quanto deve ser isto sentido!
Eu ja quando me lembra o que mereço,
E vejo ser ao Homem em dote dado,
Fico (se póde ser) mais obstinado.

XVIII.

Convem que se procure, e se pretenda
O remedio de offensa tão notoria,
Tanto porque este bem se lhe defenda,
Quanto por offender o Rei da Gloria :
He bem digna de vós esta contenda,
E bem para estimar hũa victoria
D'almas, que para o Ceo tinha creadas,
Ter-lhas em vivo fogo atormentadas.

XIX.

Mas que renovo agora por extenso,
Quando esta nova offensa vos bastava ;
Qual ha de vós? . . . aqui ficou suspenso
Do tumulto, que ja tudo atalhava ;
Em magoa tão mortal o odio intenso
Com a vingança só se regulava,
Que afiando as tenções no que refere,
Não ha ordem que a ira não altere.

XX.

Ja das cavernas horridas sahião
 A perturbar a paz da humana gente
 Aquelles monstros varios, que assistião
 Nesse conselho lá do Reino ardente.
 As areias que os Mares encobrião,
 Os atomos do Sol resplandecente,
 O grande Ceo, que em pontos se fizera,
 A quantos são, igual tudo não era.

XXI.

Escurecendo o Ar, por onde vôão,
 A Terra sotoposta em cinza fazem;
 As ondas do Oceano menos sôão
 C'os ventos que a romper na Costa ás trazem;
 Menos as nuvens negras nos atrôão
 Quando em tremulos raios se desfazem:
 A machina total despedaçada
 Fôr'esta commoção mal comparada.

XXII.

Rodeião com cuidado em ira aceso
Daquellas creaturas a morada,
Por se desalivar do grande peso
De que anda a triste Inveja carregada;
Entrar porém alli lhe era defeso
Daquella Omnipotencia Incomparada,
E como ácerca o passo em vão tentárão
Nas figuradas portas se parárão.

XXIII.

Era o grande prospecto rutilante,
Que sobre quieios aureos se movia,
D'outra pedra mais dura que diamante,
Onde a obra á materia inda excedia:
He tal cada figura no semblante
Que facilmente a vista julgaria
Em seu respeito as vivas debuchadas,
E ellas junto ás vivas animadas.

XXIV.

Quanto dentro se encerra tudo estava
 Com Divino Arteficio retratado,
 Aqui passava a fera, alli deixava
 A ave voadora o Ar cortado ;
 Outro animal perfeito se mostrava
 Que o rosto sempre ao Ceo traz leyantado,
 Por que os outros domasse, e caminhando
 Fosse para onde a vista o vai guiando.

XXV.

Vê-se em esphera obliqua collocar-se
 Este sitio n'hum globo cristalino,
 Da fria zona, e torrida apartar-se,
 Onde o clima ficava mais benino ;
 Hum breve espaço só mostra occupar-se
 Do Homem, por ingrato delle indino,
 Fazendo então o Sol com igualdade
 Geral repartição da claridade.

.XXX.

O Zefiro suave parecia
 Ondear com brandura as flôres bellas,
 E quando brandamente as dividia
 Ir em si transformando o cheiro dellas;
 As encrespadas aguas que movia
 Com deleitoso som quebravão nellas,
 Tudo se conformava, e tudo era
 Hum sigilo da Mão, que o fizera.

XXXI.

Mas qual na rica joia fabricada
 Por destra mão d'artifice sciente
 Fica de pedraria rodeada
 A pedra de valor mais excellente,
 Tal entre as outras plantas separada
 Em logar mais que todos preeminente
 Hũa arvore se vê, que a todas passa
 Em flôr, em fruto, em belleza, e graçava.

XXXII.

D'hum ramo estava á Terra despedindo
 De sulphurinos raios flamma immensa,
 Com que elementos puros confundindo
 Maculados os fruitos nós dispensa ;
 D'outro tronco supremo está sahindo
 Hum Rio que esta perda recompensa,
 Que hum Cordeiro de sangue derramava,
 Com que este grande incendio se apagava.

XXXIII.

Vê-se que por remir sorte tão dura
 Abraça alegremente dôr tão forte,
 E mostra mais que afflicta creatura
 Viria a receber vida da morte:
 Estava aqui tão viva na esculptura
 Por estranho poder mudada a sorte,
 Que nem puros espiritos conhecem
 Os mysterios que occultos lhe apparecem.

XXXIV.

A taes segredos, quaes o pensamento
 Lhe mostrava nas portas figurados,
 Do impio tribunal do mór tormento
 Os ministros crueis estão pasmados :
 Mas como em nosso mal com seu intento
 Sahissem inimigos tão damnados,
 Vós só podeis, oh Musa, declara-lo,
 Ab eterno nascida a restaura-lo.

XXXV.

Vinha a nobre morada discorrendo
 (Que d'hum descuido nascem muitos danos)
 Eva, quando os limites d'elle vendo
 Ouvio aquella voz cheia d'enganos :
 E lá d'onde ella os ares vem rompendo
 Com accentos fingidos mais que humanos
 Voltando os olhos, vê que fóra estava
 A Serpe, que hum espirito informava.

XXXVI.

E diz-lhe: Oh perfeição, cuja excellencia
 Inveja faz á mesma natureza!
 Por que usas em teu damno da prudencia
 Que encerra dessa fórma a grã belleza?
 Por que despresas tanta preeminencia
 Quanta te representa tal grandeza,
 E a rasão natural que te he dotada
 D'alma immortal potencia inseparada?

XXXVII.

Olha que só te enleva, e te esvanece
 A falta de ter bem considerado
 O quão erradamente se escolhesse
 Trocando-se o mandar por ser mandado;
 Podereis Deoses ser, se se colhesse
 O Pomo, que por isso he só vedado,
 E ficará de vós então sabido
 O bem e o mal, que nelle está escondido.

XXXVIII.

Só os caminhos que correndo passam
Essas quatro correntes caudalosas,
Tantos climas occupão, tanto abração
Entre as fozes distantes, e espaçosas,
Que eu seguro, que o vê-las só te fação
Menospresar est'outras deleitosas,
E conhecer que vives d'hum engano
Comprado tanto á custa de teu dano.

XXXIX.

E por que melhor possas inteirarte
Da fé, que meu conselho te merece,
Ainda que em pequena, e breve parte,
Olha o que a minha industria te offerece
Nesta breve pintura em cada parte,
Quanto o Celeste Globo orna e guarnece
Verás, e o facil modo de logra-lo,
Se só por me não crêr queres engeita-lo.

.XL.

Sabe que tem da Terra a redondeza
 Hum diâmetro tal, que se contassem
 Centos de leguas vinte em tal grandeza
 Onze dezenas creio que faltassem ;
 Com cinco zonas quiz a natureza
 Que ambos os grandes globos se marcassem,
 As quaes além de assi serem partidas
 São em dezóito climas divididas.

.XLI.

Serão destas as frigiditas chamadas
 Aquellas cujas áreas circulares
 Fazem outras espheras, que voltadas
 Sobre seus polos são particulares ;
 Aonde humidas nevoas condensadas
 Estarão nestes circulos polares
 Os seis mezes que a luz mais excellente
 De seus climas gelados vive ausente.

XLII.

Entre estas e os Tropicicos ardentes
Ambos do grande cinto signalados,
São as duas que vês mais excellentes
Na pureza dos ares temperados ;
No meio dellas soffrerão as gentes
Effeitos de calor immoderados,
Cuja torrida estancia intoleravel
O gosto de mandar fará habitavel.

XLIII.

Aqui virá por vias duvidosas
Entrar no salso lago, e grande seio,
Depois de romper Serras pedregosas,
Este que á Terra dá tão grão rodeio,
Physon, ou Ganges, que das abundosas
Enchentes tal soberba a tomar veio,
Que neste Mar seu curso temerario
He mais competidor, que tributario.

XLIV.

E d'aqui nascerá que não errando
Darão em Regiões tão differentes
As fontes deste Rio, que augmentando
De varias aguas vai suas enchentes :
E porque irão d'alli logo lançando
Nas entranhas da Terra estas correntes,
Onde dellas romper o movimento
Chamar-lhe-hão sua fonte, e nascimento.

XLV.

Porém est'outro que he Gheon chamado,
Cujó nome na Grecia convertido
Em Nilo, se verá tão nomeado
Quanto a suas grandezas he devido ;
Será o tempo sempre em vão gastado
De quem procurar vêr onde he nascido,
Inda que seu nascer se chame, e conte
Da parte d'onde muda o nome em Fonte.

XLVI.

Emfim d'Africa ardente vem nascendo
Por entre ásperas brenhas dilatadas,
Com que se ficará sempre escondendo
Sem nunca conhecer mortaes pisadas,
Cujas aguas ao Norte vão correndo ;
Nisto a todas as outras encontradas,
E n'outro Mar que neste o curso acaba,
Por sete bocas rompe a furia brava.

XLVII.

Mas olha que do Ganges abundoso
Até onde do Nilo o nome acabão
As ondas deste Mar tempestuoso,
Que o grande giro destas Costas lavão
Do dilatado curso, e espaçoso,
As alturas em prova me bastavão,
Sem o ambito grande que se conta
De Mar a Mar, e d'hũa a outra ponta.

XLVIII.

Logo sahindo deste Cancro ardente,
 Méta que o grão Planeta nunca passa,
 Deixando para o lucido Oriente
 Quanto a comprida Costa cêrca e abraça,
 Verás ficar da parte d'Occidente
 A grande Terra, que não he escaça
 Daquella mais subida pedraria,
 De quem a estimação será a valia.

XLIX.

E lá quasi chegando á grande linha
 Que as trevas faz iguaes á claridade,
 Antes da ponta que se lhe avisinha
 Que de Reinos terá grã quantidade,
 De Norte a Sul a Costa se caminhará
 Da fertil Terra, cuja qualidade
 De odoriferos frutos excellentes
 Em tanto preço se terão das gentes.

L. III.

D'aqui subindo para onde o Polo
 He das lucidas Ursas circundado,
 O grande Indico fica d'onde Eolo
 Parecerá aos Nautas sempre irado :
 E lá da parte d'onde o claro Apolo
 He com curso veloz arrebatado,
 Ficão aquelles Portos, que voltando
 Os Ceos, se irão de gentes povoando.

LI.

Aquella Ilha que alli vês tão pequena
 Será com tanta fama nomeada
 Quanto se vê no Fado, que lhe ordena
 O grão valor da peregrina espada ;
 Onde ha de vir a gente a que dá pena
 Estar em seus districtos socegada,
 Que o peito generoso não permite
 Poder-se comprehender d'algum limite.

LII.

Qual vejo de hum Gigante bellicoso
 Que Reis não teme, exercitos despreza,
 D'hum Moço Pastoral tiro animoso
 Postrar por terra a natural braveza;
 Tal do grande Oriente poderoso
 Em thesouros, em gente, em fortaleza,
 Goa trará c'os corações ousados
 Os Imperios indomitos domados.

LIII.

Passando desta ponta, que algũa hora
 Fortaleza será tão importante,
 Multiplicando a altura fica agora
 Esse Persico Estreito mais ávante,
 Deixando á mão esquerda a bella Aurora
 Mensageira daquelle radiante
 Planeta, cujo curso violento
 Nos distingue do tempo o movimento.

LIV.

E segundo a derrota que fazia
Até passar a zona mais ardente,
Que por inhabitavel algum dia
Se julgará d'algum teu descendente,
Da mór declinação fazendo a via
Que faz a Luz do Ceo mais excellente,
Está o Promontorio monstruoso,
E monstro mais que tudo tormentoso.

LV.

Mas desta ponta, cujas praias vemos
O Mar bater com nomes diferentes,
Para o Polo encuberto caminhemos
Aonde ha mais Estrellas refulgentes,
Cujos largos caminhos, que aqui vemos,
Povoados serão de varias gentes,
Todos porém daquella côr escura
Que faz da quinta zona a grã quentura.

LVI.

Deixando pelo meio dividido
 O Globo, e cortando esta Enseada,
 Tendo da arvore o cabo já vencido,
 Que está c'o peso mais alevantada,
 Fica da Serra aquelle cume erguido,
 Que das outras a mostra separada,
 O nome tem do animal tomado
 Que está no quinto Signo collocado.

LVII.

Para o frigido Boreas caminhando,
 Sem numerar est'outras que estás vendo,
 Estamos neste Estreito, onde entrando
 Por outro, novo Mar imos correndo,
 Cujas Ilhas tão celebres deixando
 Chegamos onde em braços vem rompendo,
 O Nilo, que se unido aqui entrára
 Perder o Mar seu nome receára.

LVIII.

Mas porque est'outros dois de que fallamos
 Por vias diferentes encontrados
 São, no Persico Ceño que deixamos
 Por tão diversos climas alongados;
 Se para o frio Norte caminhamos,
 Pelo Estreito outra vez desembocados,
 As Costas rodeando, e Enseadas
 Da fria zona a Leste situadas,

LIX.

Iremos vêr a Terra, que cercada
 He deste Mar por outra estreita via,
 Quanto sua distancia he alongada
 Até onde se iguala a noite ao dia;
 Corre d'alli voltando hũa Enseada
 Que direito cortar nos impedia,
 De que as Ilhas em numero se augmentão
 Tanto, que Terra firme representão.

LX.

Indo assi costeando aquella meta
Que está do Equador mais apartado,
Até onde outra vez o grão Planeta
N'outro circulo tal he collocado,
Segunda vez convem que entre, e cometa
Este Persico Ceno já deixado,
Sem me deter nas Costas tão famosas
D'aromaticos fruitos abundosas.

LXI.

Aqui verás quasi na mesma altura
Do Nilo o grande Eufrates acabar-se,
Que até dos grandes Rios a grandura
Naturalmente vem a limitar-se.
Oh mortal, e soberba creatura,
Que entendendo não sabe sujeitar-se
Áquelle termo, e fim tão ordinario,
Inda a manantes aguas necessario.

LXII.

Este que nelle em tal velocidade
Põe fim co'ella ao nome juntamente,
He o Tigre veloz, que a longa idade
O nome lhe dará da grã corrente,
Emfim tens visto a grã capacidade,
Que entre as fozes se occupa tão sómente,
Sem que esta descripção nada comprehenda
De quanto o largo Mundo mais se estenda.

LXIII.

Agora tu, em quem razão humana
Com justo termo tudo alcança e mede;
Olha bem, creatura soberana,
Que quem tanto te dá nada te pede;
Pondera o que aproveita, e o que dana
Quanto a ditosa sorte te concede,
E como de teu bem, e teu proveito
Faz (qual se fosse seu) proprio respeito.

LXIV.

Se inda queres rasões mais evidentes
Vendo-te de taes bens destituida,
Mostras nesta vontade que consentes,
Que a rasão seja della preferida ;
Se são os medos que te estão presentes
Dessa primeira causa obedecida,
Quando ella he tal, que tudo senhoreia,
Por que tanto de hum Pomo se receia ?

LXV.

Quem da cega afeição os passos segue,
Bem o desculpa a fé d'hum pensamento,
Se ao duro desengano quasi entregue
Esforça inda o cansado soffrimento ;
Mas por temeres só que se te negue
Tão pouco, queres perder tão grande augmento,
E pôr a teu desejo hum duro freio
Polas chimeras vãs de hum vão receio ?

LXVI.

Se estaes da criação tão obrigada,
Bem se desconta em semrasão tão forte,
Como he pôr-te n'hũa arvore vedada
Por hum só Pomo della eterna morte:
Mas ah! que se não fôra preservada
Por te não vêr subir a summa sorte,
Ou entre tantas esta não vedára
Ou com menos terror te ameaçára.

LXVII.

Antes sendo tu obra tão perfeita,
E de hũa especie tal que bem parece
Ser cada qual d'est'outras que está feita
Cousa só que te serve, e te obedece,
Que vão discurso, que juizo aceita
Permittir quem a fez que se perdece
Pelo que est'outras valem, pois mostrava
Que os servos ao senhor nisto igualava.

LXVIII.

Se tanto pôde, porque temeria
Vêr-te em mór perfeição, e mór estado?
Se te ama tanto, como arriscaria
O que com tanto amor tinha creado?
Se o mal no Pomo está, crea-lo-hia
Tendo do que t'importa tal cuidado?
Se de teu mal lhe toca menor parte,
Para que he tal rigor posto em guardarte?

LXIX.

Abre do puro espirito excellente
Os puros olhos que o futuro alcanção,
Onde as imagens só seguramente
Quietão das verdades, e descansão,
E verás (se o temor vêr-te consente)
Os fundamentos que estas cousas lanção,
Que do prompto juizo, e forte peito
Nasce da sorte o verdadeiro effeito.

LXX.

Em quanto Eva julga estes intentos
Com rasões de melhor rasão guiadas,
Oppunhão-se-lhe varios movimentos,
Estão d'alma as potencias encontradas:
Teme, e deseja os mesmos pensamentos
De que as verdades andão offuscadas,
Ora mudava o passo, ora se via
Que quasi duvidoso o suspendia.

LXXI.

A mal affecta inclinação humana
He da cega cubiça combatida,
O natural instincto a desengana,
Ambos juntos os crê, d'ambos duvida;
Torna a mover-se (já da mente insana
A solida verdade despedida)
Para o Pomo vedado caminhando
Do receio os desejos triumphando.

LXXII.

Já lhe tardava o bem que pretendia
 E só da dilação a magoa sente,
 Já o braço horaccida s'estendia
 Pouco, a quem tanto deve, obediente;
 O Pomo colhe, e faz quando comia
 Que coma Adão com ella juntamente,
 E foi assi, que os olhos logõ abríão
 Mas para se vêr taes como se vírão.

LXXIII.

Tremeo da nova Terra ao Firmamento
 Quanto tamanho circulo encerrava,
 Tudo offendeo o grande sentimento
 Que tal ingraticidão representava;
 O Sol d'hum temor frio macilento
 Perdeo da bella luz que antes mostrava
 Das sete partes seis, e mais perdera
 Se mais sém se extinguir perder podera.

LXXIV.

As virtudes dos Globos influentes
O que tem de benignos moderarão,
Das figuras do Ceo resplandecentes
Em nosso damno os raios se mudarão ;
Fogem do Homem todos os viventes,
Tão enorme seus erros o deixarão !
E a Lua (que Mundo este seria !)
Tanto como hoje o Sol resplandecia.

LXXV.

Mas isto tudo he qual fumo, ou terra
No ar do rijo Boreas levantada,
Em respeito d'aquella erua guerra
Que arma, arma, contra o Homem brada ;
A Summa Sapiencia, que não erra,
Mas nem por isso obra accelerada,
Quem na mente lhe brada estava ouvindo
E quem copia brandas lagrimas pedindo.

LXXVI.

A Divina Justiça, que se offende
De soberba mortal tão insolente,
Na Dextra a Espada, que a razão defende,
Na outra o grande Sceptro preeminente,
Á vista ja do Ser de quem depende
A Machina Celeste, e Reino ardente,
Lhe diz com grave voz: Como he possível
Que excesso consintaes tão insoffrivel?!

LXXVII.

Que mais vos tinhão estes merecido
Que os spiritos puros derribados
Deste Logar, d'onde elles tem cahido
Em disformes aspeitos transformados?
Se fossem os erros que elles commettido
Tem, em quanto aos sujeitos comparados,
Quem duvida que he mór atrevimento
Igual culpa em menor merecimento.

LXXVIII.

Mal póde de rigor satisfazer-se
Do individuo em tudo fraco, humano,
O crime com que vemos offender-se
Hum Ser, hum Infinito Soberano ;
Não basta a cada qual destes perder-se
Que he fogo leve pena a tanto dano,
Nem se veja na paga que tiverão
Qu'a Vós estes sujeitos se atreverão.

LXXIX.

Morrão, morrão, dizia, juntamente
Almas e corpos, tudo alli pereça,
Em tal execução tão preeminente
Preeminencia Infinita se conheça ;
He de Vosso Poder coisa indecente
Reparar em fazer quando começa
Mais Mundos do que podem numerar-se
Se não deixassem nunca de contar-se.

LXXX.

Conheção elles esse braço irado,
Arruinai os torpes homecidas,
A Terra, e quanto nella está creado
Perca de hum golpe só todas as vidas;
Sejão em caso nunca imaginado
Até as testemunhas destruidas,
Reduzir tudo he pena verdadeira
Áquelle Chaos, e confusão primeira.

LXXXI.

Em quanto assi fallando se queixava
A Divina Justiça rigorosa,
Está a Misericordia, que escutava,
Inquieta, affligida, lastimosa;
No Grão Juizo em pé se levantava
Em acto humilde, em mostras piedosa,
E com choro que a voz interrompia
Taes palavras do brando peito abria:

LXXXII.

Primeira Causa, e ultima Grandeza,
Acto Puro, Suprema Magestade,
Author de quanto incluye a natureza,
Essencia que em si só tem igualdade,
A quem os Seraphins de mór belleza,
E os que nessa eterna obscuridade
Ardendo estão em fogo temeroso
Reconhecem Senhor por Deos piedoso;

LXXXIII.

Se quanto Vós podeis se executasse,
Se de quanto escusacs nada creasseis,
Se á medida da culpa se formasse
A pena, e o castigo que ordenasseis,
Quem podéra esperar que o Ceo durasse,
Quem que tão brandamente castigasseis,
Ou quem crêra (se então alguém julgára)
Que os Anjos, nem que o Mundo se creára?

LXXXIV.

Estes, Senhor, bem vejo o que merecem
Pois que na Terra tem seu nascimento,
E que inda nas miserias que padecem
Não satisfazem tão damnado intento;
Mas se tão junto a Vós de Vós se esquecem,
Outros de mais subido pensamento,
Nelles errar maldade foi sabida
Nos Homens he fraqueza conhecida.

LXXXV.

De ninguém podereis satisfazer-vos
Sendo o que toca a Vós considerado,
Qu'a grave culpa, o erro de offender-vos
Com tormento nenhum fica igualado;
Porém como podeis só comprehender-vos,
Ab eterno podia estar traçado
Algum modo que a Vós só he presente
Para satisfação da mortal gente.

LXXXVI.

Perecerem de todo, e acabar-se
 Hũa obra de Vós tão approvada
 Parece que podia reputar-se
 Por cousa ou indecente, ou escusada;
 Onde póde, Senhor, melhor mostrar-se
 Vossa Misericordia Incomparada
 Que n'hum mal, cujo horror, cuja aspereza
 Fará que della mais lustre a grandeza?

LXXXVII.

Se por mostras de Summa Divindade
 E confusão de spiritos damnados
 Quizestes applicar Vossa Piedade
 Áquelles barros que hoje estão quebrados,
 Por accidente agora a crueldade
 Nas penas crescerá dos condemnados
 Vendo que a estes modo inda lhe derão
 Para lograr os bens que elles perderão.

LXXXVIII.

Eu não digo, Senhor, que sem castigo
Passe tamanho excesso tão damnoso,
Que são iguaes em Vós sómente digo,
Brandas Entranhas, Peito Valeroso;
E se a Justiça só levar consigo
O que tendes, Senhor, de rigoroso,
Seria (o que não he) Vossa Clemencia
Vencida dentro em Vós d'outra potencia.

LXXXIX.

Disse; e o Padre Eterno dilatando
Por hum pouco a resposta, que esperavão,
Gravemente a Cabeça meneando
A que todos os Coros se humilhavão,
Do Sacrosancto Peito a Voz lançando
Taes Divinas Palavras se formavão;
Ouvido tenho, e d'ambas o respeito
Observado será com justo effeito.

XC.

Adão em tanto já bem conhecido
Da infima miseria em que se via,
De seus erros mortaes tão convencido
Quão falto das desculpas que daria,
De vergonha n'hum bosque recolhido
Aonde só de folhas se cobria,
Em tanta pena, em tão grave tormento
Assi rompe do peito o sentimento :

XCI.

Vida, dizia, de tão duro estado,
Cego desejo, pena merecida,
Quem podéra de ti vêr-se apartado,
Quem nunca te tivera possuida !
Mas em que escura cova sepultado
Póde esta dôr ao pensamento unida
Ser de mim hum momento separada
Estando a causa n'alma eternisada ?

XCII.

As inclemencias com que me ameassa
 O mesmo Ceo, que vi prompto e benigno,
 A Terra ja de quanto dava escassa,
 Os males que ja vejo, e que imagino,
 Misérias são que o soffrimento passa
 E a que lagrimas déra de continuo,
 Mas vêr-me sendo causa deste dano
 He dôr, com que não póde hum peit'humano!

XCIII.

Quem, Senhor, ouvirá com rosto enchuto
 As primicias que tenho offerecido?
 Soberba, ingratição foi o tributo
 Que dei de quanto tinha recebido!
 Quem não magoará vêr que hum só fruto
 Me pareceo melhor por defendido,
 E tendo tantos quantos desejasse
 Pelo peor o summo bem trocasse?

XCIV.

Como he possível que me soffra a Terra?
 Como não se abre ja para tragar-me?
 Como as feras não veim com cruel guerra
 Nas vorazes entranhas sepultar-me?
 Como a luz que lhe fica não encerra
 O Sol, como o Ar pôde alimentar-me?
 Mas negar-se-me tão justo castigo
 Alguns castigos novos traz consigo!

XCV.

Bem o triste desejo me cegava
 Quando n'ostes remedios discorria,
 Sem me lembrar que quanto desejava
 Era esperar de feras cousa pia,
 E que aos elementos se queixava
 Quem mais asperamente os offendir;
 Se forão sendo eu justo assi tratados
 Que farão elles ja desordenados?

XCVI.

As lagrimas que a dôr acompanhavão
 Não só dos tristes olhos parecião,
 Inundações de Rios semelhavão
 Que a pobre desnudez cobrir querião;
 Os suspiros que os Ares penetravão
 São vivas chammãs que no Ceo ferião;
 Estranha dôr, que com estranho effeito
 Agua e fogo tirou d'hum mesmo peito.

XCVII.

Porém como esta guerra de elementos
 Mais no centro encerrada se esforçava,
 Ainda erão pequenos os tormentos
 Com que o misero corpo atormentava,
 Em respeito daquelles pensamentos
 Que n'alma o mesmo damno accrescentava,
 D'onde a mór pena destas penas era
 Não sentir e chorar quanto quizera.

XCVIII.

E desta suspensão, que nos sentidos
O prompto imaginar accrescentára,
Como he proprio nos crimes commettidos
Antever mais quem mais se receára,
Torna aos primeiros passos, que movidos
Forão do Summo Ser, a quem errára,
Que chamando dizia : Não respondes,
Adão, aonde estás, porque te escondes?

XCIX.

Mas qual o fim da vida vio presente
E que escusar o transe não podia,
O passo move embarçadamente,
A voz interrompida despedia ;
Puras acções de impulso vehemente
São, que ainda nas partes assistia,
E d'elle mais que de animo sustenta
O que de vivo ainda representa.

c.

Assi Adão os passos vai guiando
Para o Recto Juizo a que he chamado,
Tremulo, vagaroso, e duvidando,
Que em duvida o castigo he mais pesado;
Jamais da terra o rosto levantando
(Que o vulto he testemunho do peccado)
Responde ao Creador, que só de vêr-se
A vergonha o fizera recolher-se.

ci.

Mas aquella Bondade tão Divina
A quem não póde haver caso escondido,
Condemna-lo porém não determina
Sem ser o Réo de sua escusa ouvido;
Com branda voz, e com acção benina
Lhe disse: Só te póde ter despido
O fruito da mortifera amargura;
Tens tu comido delle, por ventura?

CII.

Si, respondeo, e porque não achava
Com que poder melhor justificar-se,
Co'a Mulher seus erros desculpava;
(Que culpa para tal desculpa dar-se!)
A Mulher perguntada se escusava
Co'a Serpe; porém se desculpar-se
Com melhores razões então soubera
Chorando, e não fallando, respondera.

CIII.

Alli a final sentença declarada
(Que a culpa deu em sendo commettida)
Foi logo, e logo alli executada
Pena de crime tal bem merecida.
Á Serpe disse: A mais abominada
Serás de quantas cousas ha na vida,
Andarás sobre peitos arrastando,
Ficar-te-has só da terra sustentando.

CIV.

Hum odio ficará tão firme e forte
Entre o feminil sexo, e fórma tua,
Que por não se extinguir da propria morte
Nas especies conserve a força sua ;
Dellas porém virá quem mude a sorte
Tornando em maior bem sorte tão crua,
E com jugo opprimindo a servís fera
Que a tantos damnos ja principio dera.

CV.

E proseguindo assi c'os condemnados
A Eva diz : Tu passarás teus dias
Sentindo tantas dôres, taes cuidados,
Quanto era o descanso em que te vias.
E tu, Adão, que contra meus mandados
Tão levemente aos seus obedecias,
Trocando este devido pensamento
Por palavras de leve fundamento ;

CVI.

Da Terra viverás sempre morrendo,
E ella inda de ti como affrontada
(Mal a tantos trabalhos respondendo)
Se mostrará d'espinhos povoada,
Irá sempre em abrolhos convertendo
O que antes dava sem ser cultivada,
Até que em teu suor mal sustentado
Te convertas em pó de que és creado.

CVII.

De estado tão perfeito taes mudanças
Que oppressão, que cuidado lhe daria,
De vêr o bem maior em esperanças
Que antes seguro e certo possuia,
De tão justas e sanctas confianças
Vêr que até de si ja desconfia,
Não era pena, dôr, miseria e vida
Que seja de palavras comprehendida.

CVIII.

Ficou como Homem que da claridade
Onde o raio solar alumiaava,
Entrando em moderada obscuridade
Lhe pareceo de todo que cegava ;
Que da clara impressão a qualidade
No Cristalino Centro não obrava
Em seu opposto, até que despedido
Pouco e pouco usar pôde do sentido.

CIX.

Voltava os olhos d'onde foi lançado
Via d'hum Cherubim a espada ardente
Com que aquelle logar está guardado
Para outra mais ditosa e sancta gente,
Aonde até o fim tão desejado
Passem a vida alli suavemente ;
Elles culpados ja tanto alcançárão
Sem culpa est'outros não no sustentárão.

CX.

A terra toda inculta, inhabitada,
 De que o total remedio dependia,
 A natureza mal exercitada,
 Ainda d'instrumentos carecia;
 Das artes com que a vida he sustentada,
 Usar algũa dellas não podia,
 Que a pressa dos trabalhos que lh'as pedem,
 He o meio de que ellas se lh'impedem.

CXI.

Mas o Divino Amor, que perdoando,
 Jamais o fez com termos limitados,
 Como vemos que obra castigando,
 Menos castigos sempre que peccados,
 Do fraco Homem os Olhos não tirando,
 Contra elle vê estarem rebellados,
 Sentidos e potencias com que obraava,
 Que a original Justiça governava;

CXII.

E como o Capitão que conhecendo
 Hum animo n'os seus já duvidoso,
 Á memoria lhe vai sempre trazendo
 Do inimigo o peito rígoroso,
 Tal o Senhor que Adão via temendo
 De tantas penas hum viver penoso,
 N'hum extasi lhe faz que veja em vida
 A morte pela culpa merecida.

CXIII.

Onde dentro de si mesmo encerrado
 (Sem serem dos censorios pervertidas
 As acções do espirito enlevado)
 Tem c'os olhos no Ceo as mãos erguidas;
 Em acto humilde, em modo transportado,
 Que até as tristes lagrimas vertidas
 Da grave dôr o curso suspendião
 Porque inda de Homem vivo parecião.

CXIV.

Parece-lhe que sente perturbar-se
 Quanto o pequeno Mundo em si comprehende,
 Os elementos d'elle contrastar-se
 De que seu individuo vive e pende,
 E que do coração o dilatar-se
 De cuja compressão tanto se offende
 Era luz, a que o pabulo faltando,
 Que então mais cresce quando está acabando.

CXV.

Que o sangue as partes ja não sustentava
 Antes n'outra mais nobre parecia
 Que unindo-o a natureza inda tentava
 Se no logar mais forte escaparia,
 Que sómente transpira, alli julgava,
 Que o calor suffocado percia,
 E por consenso da vital potencia
 Que a motiva animal perde assistencia.

CXVI.

Onde a razão por falta dos sentidos
Leza faz as acções, e perturbada,
Sem governo os humores ja movidos
Tem a imaginativa viciada ;
Ja se escurece o ar, ja são perdidos
Os movimentos d'afflicção passada,
Onde em tal modo vê, ouve, e sentia
Que as cousas de sua fórma pervertia.

CXVII.

Vê quando tudo está desordenado
De seus principios ja tão differente,
Que nem he dôr, nem transe imaginado,
Nem pallida visão se vê presente ;
E que sem ser cadaver descarnado,
Nem trazer dura enchada, nem tridente,
Tem de ancia, confusão, e sentimento,
Quantos tormentos ha n'hum só tormento.

ARGUMENTO.

CANTO SEGUNDO.

Em Caxa pendente, la da Facada Altaça;
So mestre Christo a Adão, que arrendido,

Com ventosas de lagrimas procura

Deixar lavado o cristo commellido;

Vé a Casa da **JUIZO.**

Beusidade a João, Marta, e Noéida;

E mostra-nohe em extal o festival

Jairo, lnda em mais juico e em festival.

CANTO SECONDO.

LINO.

ARGUMENTO.

Em Cruz pendente, lá da Excelsa Altura,
Se mostra Christo a Adão, que arrependido,
Com enchentes de lagrimas procura
Deixar lavado o crime commettido ;
Vê a Casa da Fé, e na esculptura
Resuscitado a Deos Morto, e Nascido ;
E mostra-se-lhe em extasi o horrivel
Juizo, inda aos mais justos mais terrivel.

ARREPIENTO

Não com pendente, lá da Escola Alta,
 Se nos dá Cristo a Adão, que arrependido,
 Com enlanches de lagrimas proferiu
 Deixar lavado o crime cometido;
 Vê a Casa da Fé, e na escultura
 Resuscitado a Deus morto, e nascido,
 E mostra-se-lhe em extasi o horrível
 Mundo, toda nos mais justos mais terrível

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

CANTO SEGUNDO.

I.

Quando em estado tal, tão rigoroso,
A fraca natureza agonisava,
Hum terremoto sente temeroso
Que o Ceo indo-se abrindo segundava ;
Alli vio n'huma Cruz tão lastimoso
Hum Homem, quão Divino se mostrava,
Pois tocando-lhe o sangue que derrama
N'alma dá nova vida, o peito inflama.

MEMÓRIAS DO HOMEM

II.

Em tal temor, em tão nova esperança
Assi vacilla o fraco entendimento,
Que com perpetuo moto faz mudança
Da pena á gloria, e della ao sentimento ;
Mas ja vencendo tudo a confiança
Da visão que alumia o pensamento,
No dôce fogo, em que de novo ardia
Na arrebatada mente assi dizia :

III.

Aqui, Senhor, aonde mais me offende
Vosso temor em passo tão estreito,
Aqui da Fé o fogo mais se acende
Quando melhor conheço meu defeito ;
Vejo a quão pouco a dôr nelle se estende
Que todo o bom limita meu sujeito,
Mas onde não alcança esta fraqueza
Creio que supprirá Vossa Grandeza.

IV.

Vejo neste naufragio destroçar-me
 O tempo de meus crimes excessivo,
 E aquelle mar immenso contrastar-me
 Dos continuos temores em que vivo;
 Lembro-vos que se foi amor crear-me,
 Que he essencia d'amor ser compassivo,
 E posto que eu faltei quando convinha
 Não põe limite em Vós a falta minha.

V.

Quem podéra, meu Deos, c'o pensamento
 Acender n'alma hum fogo de tal sorte
 Que só a dôr deste arrependimento
 Fôra a causa total de minha morte;
 Quem alcançára c'o entendimento
 Se havia outro transe inda mais forte,
 Para pedir, Senhor, que nelle entrasse
 Onde o gosto da dôr sacrificasse.

VI.

Quem fugindo de Vós não alcançára
 Como ao remedio fuge de seu dano?
 Quem se não foreis Vós me não deixára
 Nas duras mãos d'hum obstinado engano?
 Porém, Senhor, se o Homem não peccára
 Quem conhecêra amor tão soberano?
 Foi meio elle da culpa restaurar-se
 Ella deu-lhe matéria em que mostrar-se.

VII.

Cruzas taes em tal humanidade
 Nenhũa acção ferina ás commettera,
 Senão só minha immensa crueldade
 Que nem comvosco ainda se moderara,
 Quando polas não vêr de piedade
 O Mundo n'hum véo negro se escondêra,
 A tal miseria a sorte me condena
 Que tenho o meu descanso nessa pena.

VIII.

Quanto fôra melhor perder a vida
Que a tão custoso preço resgata-la!
Mas que digo, Senhor? pois ella he tida
Por tal, que vindes Vós a restaura-la!
A Vossa tem a morte suspendida
No gosto só de virdes entrega-la,
Ou porque inda esperaes? se em tal estado
Ha quem Vos peça mais do que está dado.

IX.

Chamaes-me por que vá com confiança,
Mostraes a meu temor aberto o peito
Para que possa entrar esta esperança
Onde perca de vista seu defeito;
Mas como passaria a dura lança
Hum Coração, no qual amor tem feito
Tal fragoa, que abrandára qualquer ferro
Se não fôra forjada de meu erro.

X.

Ecclypsada do Ceo a luz serena,
Aberta a porta d'onde amor vivia,
O final transe tudo desordena
A vida foge, amor só não fugia ;
Parece que na gloria dessa pena
Elle comsigo mesmo competia,
Vertendo mais então do lado exangue
De intenso fogo e ardor, que d'agua e sangue.

XI.

Bastava, oh Summo Bem, Vossa brandura
Na redempção de nosso atrevimento,
Sem dar por essa humana vestidura
Tantas portas na gloria a tal tormento,
Se não he que de todo amor procura
Que sejaes d'amor quinto elemento,
Ou sou eu tal que sendo elle piedoso
O faço ser em Vós tão rigoroso?

XII.

Crear os Ceos de nada n'hum instante,
Pôr novo termo e lei aos elementos,
E sobre o ponto delle mais distante
Edificar Ethereos Aposentos;
Lá dessa Gloria immensa e radiante
Limitar do Inferno inda os tormentos,
Grandezas são á Fé communicadas
E a Vós as dessa Cruz só reservadas.

XIII.

Mas como he de Poder Omnipotente
Dar nas obscuras trevas do peccado
Certa radiação, que occultamente
Deixa o entendimento alumiado,
Quando c'os olhos da razão presente
Se vê, e chora o tempo mal gastado,
Não só a Graça torna renovada
Mas fica em gráo maior communicada.

XIV.

Assi Adão, que Deos favorecendo
Sente d'amor o fogo deleitoso,
Onde ás passadas culpas vai fazendo
Sacrificio suave e rigoroso,
Não passa só chorando, nem gemendo
O cuidado de crime tão damnoso,
Mas de hũa penitencia áspera e forte
Era a misera vida a mesma morte.

XV.

Via sempre seus erros figurados
Em qualquer das acções que se occupava,
Que ja os mortaes membros trabalhados
A fraqueza mortal difficultava ;
Se levantava os olhos tão cansados
Das lagrimas em que elle descansava,
No Ceo, no Ar, na Terra ja conhesse
Como a tudo seu crime se estendesse.

XVI.

Os viventes de que era obedecido
Não só este respeito lhe perdêrão,
Mas inda era mil vezes commettido
Da natural fereza em que nascêrão;
Olhando para si vê-se despido
Daquelles ornamentos que tiverão
A perfeição da Graça onde vivendo
Lh'os foi hũa ambição logo rompendo.

XVII.

Se dos sentidos tenta de apartar-se
Acha a mesma afflicção no pensamento,
Onde o cuidado faz representar-se
Irreparavel causa a do tormento;
A grande descendencia vê queixar-se
Castigada por seu atrevimento,
E nas estreitas contas que fazia
Mais o crime que a pena iuda sentia.

XIV.

Assi Adão, que Deos favorecendo
 Sente d'amor o fogo deleitoso,
 Onde ás passadas culpas vai fazendo
 Sacrificio suave e rigoroso,
 Não passa só chorando, nem gemendo
 O cuidado de crime tão damnoso,
 Mas de hũa penitencia áspera e forte
 Era a mísera vida a mesma morte.

XV.

Via sempre seus erros figurados
 Em qualquer das ações que se occupava,
 Que ja os mortaes membros trabalhados
 A fraqueza mortal difficultava;
 Se levantava os olhos tão causados
 Das lagrimas em que elle descansava,
 No Ceo, no Ar, na Terra ja conheesse
 Como a tudo seu crime se estendesse.

Ecede repare se
 O lura
 De
 Pra
 Tra
 Co
 Co
 B.

lade
 Com
 ado
 iza,
 de
 A
 za,
 ella
 la.

XXII.

Em alguns passos onde mais aceso
O fogo desta dôr n'alma padece,
Do corpo enfraquecido o grande peso
Prostra, mostrando bem que se conhece;
Tratando a vida assi com tal desprezo
Que inda o trata-la duro lhe parece,
Com tal ancia os suspiros s'arrancavão
Que almas, e não suspiros semelhavão.

XXIII.

Rompe com dura pedra o brando peito
Aonde as tristes lagrimas dizião
Na ardente fragoa deste amor perfeito
Mais co'ellas as chammas s'acendião;
Tinba da terra nos joelhos feito
Signaes tão lastimosos, que se vião
Os nervos ja de todo descarnados
No chão c'o mesmo sangue estar pegados.

XXIV.

Não hũa vez, mas muitas lhe succede
Que desfazendo o peito a pedra dura
Do Horizonte o Sol se lhe despede,
E da Terra depois a sombra escura ;
Mas nem por isso, não, o curso impede
Daquella áspera acção, porque a brandura
Das cousas não está no modo dellas
Tanto, como no gosto de soffrellas.

XXV.

Quando tornava a fraca humanidade
Quasi vencida ja da natureza
Buscava as covas d'onde á claridade
Não segundasse em vêr sua fraqueza,
Porém vindo da noite a escuridade
Desejava outro Sol de mór clareza,
Para que sendo assi a luz mais bella
Fosse o pejo maior de se vêr nella.

XLVI.

Vê-se que ao grande Egypto foi trazido
 E que da Regia Casa era comprado,
 Aonde em summo gráo favorecido
 Se vio em breve tempo levantado;
 Da adultera Senhora commettido
 (Tanto teme o perigo do peccado)
 Não só animo tem de resistir-lhe
 Mas por fugir ao risco inda fugir-lhe.

XLVII.

Porém ella da capa que lhe alcança
 Cadeia quer fazer a seu intento,
 Na mão lhe fica, e foge-lhe a esperança,
 Como fugia o miço do aposento;
 Honrada quer fingir esta vingança
 Nascida de hum lascivo pensamento,
 Fazendo co'a prenda, que elle deixa,
 Quanto evidente a prova, injusta a queixa.

XLVIII.

Em áspera prisão sua innocencia
 Os delictos alheios ja pagava,
 D'onde quiz a Divina Providencia
 Que por hum Regio sonho que soltava,
 Não livre só daquella violencia
 Se vio, mas commettido ja lhe estava
 A prevenção das Villas e Cidades
 Nas abundantes sete novidades.

XLIX.

Acaba este quadro o grande caso
 Que aos Filhos de Jacob lhe succedia,
 Fazendo-lhe levar hum aureo vaso
 O Ministro no trigo que media;
 Partirão, mas o Sol inda do occaso
 Affastado o caminho proseguia,
 Quando são dos Egyptos alcançados
 Presos c'o furto, e a Joseph levados.

L.

Mas o Sancto Joseph bem differente
Do que pedia delles a maldade,
Só por lhe perdoar benignamente
Estima mais a Regia Magestade ;
E como a natureza não consente
(Onde tudo não vence a crueldade)
O proprio sangue vêr tão affligido
Mais piedoso estava que offendido.

LI.

Com bem igual mysterio e ornamento
Na terceira parede se esculpia
Hum Monte, onde afigura o pensamento
Que sua altura as nuvens excedia ;
Por elle caminhava a passo lento
Hum venerando velho, a quem seguia
Hum menino, que a lenha lhe levava,
Elle o cutello, e o fogo que faltava.

LII.

Bem innocente do que o caso esconde
 (Que tanto o que se alcança he limitado)
 Pois a victima, ao Pai dizia, aonde
 Está? que o mais ja vejo apparelhado.
 Erguendo ao Ceo os olhos lhe responde:
 Disso, Filho, o Senhor terá cuidado,
 Chegárão; pôs a Altar, o Filho atando
 O duro ferro ja vai levantando.

LIII.

Mas quando o mortal golpe vem descendo
 Que duas vidas juntas acabava,
 Tanto mais a quem vive inda offendendo
 Quanto n'alma tambem se executava,
 Hum Celeste Correio soccorrendo
 O innocente: Abrahão! Abrahão! gritava,
 Detém do duro córte o duro effeito
 Que basta a prova ja do sancto peito.

LIV.

Este Cordeiro ordena que padeça
(Por que assi se lhe pague o que he devido)
O Senhor, e que nelle se mereça
Como no Sacrificio offerecido ;
Mas por que a obediencia se conheça
No favor que por ella he concedido,
Mais que as areias, e mais que as refulgentes
Estrellas, crescerão teus descendentes.

LV.

Oh sancta obediencia tão devida
A Deos, quanto de Deos he estimada,
Que póde segurar a eterna vida
Ainda sem effeito preparada !
Por ella Deos (de quem nunca á medida
Da obra, a obra vêmos ser pagada)
Lhe segura taes bens, quaes bem podia
Quem em poder e amor tudo excedia.

LVI.

Mostra ávante a profetica esculptura
Hum bravo Mar taes ondas levantando,
Que das visinhas Rochas a grandura
Parece que ficavão superando ;
As areias do fundo a tanta altura
Vai o rapido moto arrebatando,
Como se a Terra ao Ceo subir quizesse
E que ao centro da Terra o Mar descesse!

LVII.

As espumantes aguas parecião
Quando os oppostos ventos encontravão,
Alpestres Montes que romper querião
Os transparentes Orbes que tocavão ;
Os medonhos bramidos que fazião
C'os horrisonos raios concordavão,
Enchem do ar os écos a grã Casa
A natureza teme, o Ceo se abrasa.

LVIII.

Entre cavados Mares soçobrada
 Hũa affligida Não se estava vendo,
 E logo envolta nelles levantada
 No concavo do Ceo vai parecendo ;
 Da enxarcia no bordo pendurada
 As vélas vão co'as arvores pendendo,
 Cujos golpes crueis móres fizérão.
 Os perigos, se móres ser podrérão.

LIX.

Tudo era confusão, tudo turbava
 O frio medo da visinha morte,
 Da cadeira o Piloto em vão gritava
 Á gente, que os pendentés mastros corte ;
 O temeroso tempo se esforçava
 Trazendo em serras d'agua a fatal sorte ;
 C'os balanços a Não tanto pendia
 Que mil vezes na quilha o Mar rompia.

LX.

Nesta afflicção remedio desusado
Hum Homem se está vendo que lançarão
No bravo Mar, o qual sendo tragado
D'hum peixe, a Náo quieta marearão;
Este que ser em vida sepultado
Nas vorazes entranhas o julgarão,
Illeso e vivo o torna a pôr n'areia
A portentosa e horrida baleia.

LXI.

Adão, que quasi immoto estava vendo
O que o prompto Juiz o mal alcança,
Pelos meios da Fé só conhecendo
O Logar onde sóbe esta esperança,
Mais nas passadas culpas discorrendo
Quando he mór do remedio a confiança,
Como se do perdão desconfiára
As chora, ou qual se nunca antes chorára.

LXII.

Em cada acto daquelles se detinha
 Parecendo que todos considera,
 E quando immoto estava, então caminha
 A dôr mais velozmente á sua esphera;
 Só de magoas parece que sustinha
 A vida, como em gostos ja fizera,
 Assi nunca maior pena experimenta
 Que quando mais descuido representa.

LXIII.

Outras vezes do impeto levado
 (Como que dentro o fogo não cabia)
 Geme e suspira em lagrimas banhado,
 Assi passadas culpas repetia:
 Do castigo, Senhor, tão dilatado
 Para o que hum erro tal vos merecia,
 Não temo, não, ser-me pesado e grave,
 Temo que em vir de Vós seja suave.

LXIV.

E com rasão me leya o pensamento
A tão justo receio, e tão devido,
Pois não póde passar nenhum tormento
Do tormento que n'alma he padecido,
Aonde he sempre mór o sentimento
De não chegar a ponto mais subido
A dór, que do mais forte e duro effeito
Com que della se está rasgando o peito.

LXV.

Não sinto, não, aquella pena immensa
Que de nós sempre deve ser temida,
Quanto vêr que nenhũa recompensa
A culpa de que esta alma anda opprimida;
E se tomára vê-la mais intensa,
Além de ser de mim tão merecida
Era por vos mostrar que em padecella
Crescia Vosso Amor igual co'ella.

LXVI.

Os valles nestas queixas respondião
Como que a mesma dôr representavão,
O murmurar das aguas que corrião
C'os interrotos écos se accordavão ;
Aquellas solidões que entristecião
O silencio da noite, carregavão
De sorte aquelle inculto e duro assento
Que da tristeza só era aposento.

LXVII.

Passava nesta sêde tão ardente
Daquelle amor, que quando mais crescendo
Então o mesmo fogo brandamente
Mais sêde de si mesmo hia acendendo ;
Das lagrimas a fervida corrente
Caminhos pelo rosto vai fazendo ;
Unindo as mãos afflicto as apertava
Onde o tranzido rosto s'encostava.

LXVIII.

Quando entre muitas noites acontesse
Da perpetua vigilia trabalhado
Que ao somno o trabalho se rendesse
Passava n'hum penedo reclinado,
E como da memoria não perdesse
A grande ingratidão em que he culpado,
Não repousava, não, mas parecia
Que penava ainda mais quando dormia.

LXIX.

Hum dia emfim d'insomnios mais forçosos
Que o Céu tomou por meio do que ordena,
Por lhe fazer com transes rigorosos
Não só tratavel, mas suave a pena,
Nelles lhe mostra os passos temerosos
Do Juizo Final, onde lhe ordena
Que entre, nem bem desperto, nem dormindo,
Por que sonhando vá, e vá sentindo.

LXX.

Representa-lhe logo o pensamento
Do véo mortal a alma separada,
Livre vontade, puro entendimento,
Memoria de accidentes libertada ;
Não tem logar profundo sentimento
Que he conta de justiça alli tomada,
Tribunal d'onde a Summa Magestade
Nega entrada á Divina Piedade.

LXXI.

Abrem-se livros onde estão lançados
Não só crimes atrozes commettidos,
Mas pensamentos mal encaminhados
E momentos em ocio despendidos ;
A mesma consciencia dos peccados
Pede descarga, são alli ouvidos
Os inimigos d'alma que accusavão
As culpas, que hũa e hũa relatavão.

LXXII.

Quanto dos Homens esconder quera
Ella repete quando em vão ja chora,
Porque hum natural pejo m'ò pedia,
A Deos a quem tocava mostro agora ;
Dai-me, culpas, espaço ; dai-me hum dia ;
Se hum dia he muito, espera ; dai-me hũ' hora,
Para que deste passo agonisado
Chore vêr que não foi sempre chorado.

LXXIII.

Negão dizendo : Tu nos approvaste,
Fomos de ti nascidas e creadas ;
Quando sempre de nós te acompanhaste,
Onde nos queres deixar desamparadas ?
Nunca pôdes dizer que imaginaste
Que biamos a bons fins encaminhadas,
E quanto então podendo não querias
Pagas querendo quando não podias.

LXXIV.

Torna a buscar o corpo que informava,
Quer com sua fraqueza defender-se,
Vê que fetida terra feita estava
A materia por quem tal chega a ver-se ;
A terceira entidade procurava
Que a separação d'ambos fez perder-se,
Nem isto via, assi que elles faltando
Ella então pelos tres fica pagando.

LXXV.

Os instrumentos busca dos sentidos,
Informes todos acha, e tão mudados
Que servem só de vêr quão mal perdidos
Forão, podendo ser tão bem ganhados ;
Parece-lhe vêr nelles esculpidos
Erros tanto sem tempo ponderados,
Que em lugar do remedio que buscára
Á pena, nova pena acrescentára.

LXXVI.

A luz dos olhos que do Ceo se dera
 Para chegar guiando á Summa Altura
 Hũa calliginosa nevoa era,
 Se nevoa pôde haver tão triste e escura;
 Os ouvidos por onde percebera
 A Lei da obediencia sancta e pura
 Só estradas de bichos parecião,
 Tantos entravão nelles, e sahião!

LXXVII.

Os dois meatos de que se servia
 A potencia do cheiro deleitosa,
 Não só da triste morte parecia
 Imagem triste, horrenda e temerosa,
 Mas hũa fórmula tal nelles se via
 Que até a alma deixava lastimosa,
 Porque inda livre, e ja desenganada
 He ao misero corpo afeiçãoada.

LXXVIII.

A fria lingua, que do ar formando
A leve voz, por cuja consonancia
Se vão d'alma os conceitos declarando
Ornados por seu meio de elegancia,
No concavo da boca está mostrando
Tão differente uso em sua estancia,
Que secca e negra as fauces apegavão
Á terra, e as aranhas que a cercavão.

LXXIX.

Do brando tacto a grande temperança
N'huma fria aspereza está mudado,
Tal he da feia morte a grã mudança
Da vida, tal o engano desejado;
Á vista destas cousas a esperança
Qu'a alma nellas poz em seu cuidado
Não só falta, mas inda lhe parece
Que aonde busca o remedio a pena crece.

LXXX.

Torna deste temor, deste perigo
Que quasi livre espirito pondera,
Treme só na lembrança do castigo
Que pela menor culpa merecera ;
Acha nestes tórmentos do inimigo
Que com tremendo aspecto a desespera
As offensas de Deos representadas
Por momentaneos gostos despresadas.

LXXXI.

Aqui eternidades vê presentes
Sem nunca vêr o fim do curso immenso,
Aonde em chammas (não qual fogo ardentes
Que he fogo sombra deste ardor intenso)
Se pagarão de erros insolentes,
Até leves palavras por extenso,
De huns na esperança a pena se sustenta
D'outros na falta della mais s'augmenta.

LXXXII.

Esta visão que o rapto lhe mostrava
 Posto que qual visão se conhecia,
 Com tal terror, com tal espanto obrava
 Que effeitos verdadeiros excedia;
 As ancias, em que as duvidas tratava
 Da temida sentença que ouviria,
 São taes, que estando em si tão levantado
 A terra veio immoto, e desmaiado.

CANTO TERCEIRO.

—

INFERNO.

ARGUMENTO.

Quando Adão mais se entrega ao triste pranto
A sancta alma d'Abel o leva e guia
Lá ao centro do horror, Reino do espanto
Aonde nunca chega a luz do dia ;
Mostra-lhe alli do infausto Radamanto
O cruel sceptro, e a magestade impia ;
E para tudo enfim lhe ser notorio
Tambem lhe mostra o Limbo, e Purgatorio.

OS NOVISSIMOS DO HOMEM.

CANTO TERCEIRO.

I.

Mas ja da vida era a prisão gostosa
Do innocente Abel, rôta e quebrada
Pela mão fraternal, crua, invejosa,
Que a cega Inveja não perdoa a nada,
Quando em rara visão na deleitosa
Patria entrou, sublime, e suspirada,
Em transito áquell'alma concedido
Segredo penetrar tão escondido.

II.

Alli aonde os bens da eternidade
Pendem da vista immensa, e veneranda,
Com que sustendo tudo em divindade
Tudo hum moto mental governa e manda ;
Vê naquella não vista immensidade
Abel ao velho Adão, qual vive e anda,
Que se por si não entrão lá cuidados,
Entrão de caridade acompanhados.

III.

E commovido deste sentimento
A nosso modo no sentir fallando,
Ante aquelle Divino Acatamento
Pelo Pai desterrado está rogando ;
Servindo-lhe de voz o pensamento
Prostrado ao Grão Respeito, e Venerando,
C'o modo, e c'o resguardo que devia
Assi attento, e humilde lhe dizia :

IV.

Senhor, cujos justissimos respeitos
Lá só se entendem d'onde são nascidos,
Cujos Decretos ab eterno feitos
Jamais podem de nós ser comprehendidos,
Pois que de culpas taes, de taes defeitos
Estão á Graça os Homens admittidos,
Chegue a vêr tambem o mais culpado
O bem d'hum justo, o mal d'hum condemnado.

V.

Porque o discurso humano como alcança
Sómente o que os censorios representão,
Seguindo dos objectos a mudança
Imigos segue, que mil damnos tentão,
Na fé que unida a si traz a esperança
Opposições diversas atormentão,
E quando premio e pena estão presentes
Vencem-se desta vista os accidentes.

VI.

Assi dizendo vê no mesmo instante
Que os piedosos rogos limitava
Naquella Pura Essencia, e Radiante
A concessão da graça, a que aspirava,
E que em caminho tal, tão importante
Elle mesmo o guiasse lh'ordenava;
Ja despedido os Ceos passa, e ja dece
Ao Ceo, que de mais luzes se guarnece.

VII.

D'aqui as outras que com moto errado
Vão sempre em differenças concertadas
Deixa, e logo no Mundo elementado
Toca do fogo as chammass levantadas;
Entra naquelle espaço que occupado
He de tres regiões tão encontradas,
Que a ponderosa neve, e os tribulentos
Raios, tem nelle proprios aposentos.

VIII.

E como vemos na manhã rosada
A luz solar as nuvens attrahendo,
Quando nellas se mostra retratada
Não só melhor então ficar-se vendo,
Mas qual torre no ar edificada,
Qual portentosa fera parecendo,
Os sentidos nos deixão enganados
Sendo só luz, e ares condensados ;

IX.

Assi o bello espirito ditoso
De condensão mais pura ja cercado
A Imagem d'hum Corpo Glorioso
Do ar circumvisinho tem formado,
A cujo resplendor raro, espantoso
Adão (que de improviso foi tocado)
Despertando, lhe fica da luz pura
O coração turbado, a vista escura.

X.

Porém como do Ceo a claridade
Que as almas veste de immortal belleza
Sendo effeito da Summa Divindade
Orna, e não dessemelha a natureza,
Adão, que ja daquella escuridade
Em que da vista o pôz a grã fraqueza
Tornava, quando Abel reconhecia
Mais duvidava quanto melhor via.

XI.

Elle que vê as duvidas, que crescem
No Pai (se ha duvidar quem se transporta)
Antes que ellas logar em si lhe dessem
Com taes rasões a conhecê-lo exhorta :
Aquella Providencia a quem obedecem
Do Ceo Empyrio á Tartarea Porta
Espiritos, viventes, e elementos,
Me manda a ti por seus justos intentos.

XII.

Eu sou aquelle em que duvidando
Te vejo estar, e com razão duvidas,
Pois que de seus juizos alcançando
Não podes ir as causas escondidas;
Anima-te, que lá te está aguardando
O premio dessas lagrimas vertidas,
Que quando por ser mais são mais pesadas
Mais levemente ao Ceo são levantadas.

XIII.

E por que proseguindo o justo intento
(Que he a dôr de teus erros conhecida)
Seja satisfação do pensamento
A mesma pena dessa austera vida,
Ainda que o mortal temperamento
Naturalmente esta jornada impida,
Penetrarás o Cristalino Muro
Depois de ter passado o Reino escuro.

XVIII.

Comtudo he tal a fraca natureza
Que estando o espirito ja prompto e seguro,
Sujeito inda á natural fraqueza
Me parece este passo áspero e duro ;
E assi como no mal, cuja grandeza
Não gastará nenhum tempo futuro,
Sou por justa sentença comprehendido,
Assi não perco o medo do sentido.

XIX.

Bem claro está que tendo a Deos errado,
Quando seu grande amor me não valera,
Que fôra vivo em fogo sepultado,
S'inda tão leve pena merecera ;
A piedade vejo de que usado
Tem, e onde o rigor seu se estendera,
Mas que farei? que tudo representa
A culpa que me accusa, e m'atormenta!

XX.

Nem a vontade da razão decente
Nesse caminho escuro e tenebroso;
Mas eu sou tal . . . aqui lhe não consente
Que diga mais o Filho piedoso,
Onde lhe replicou : Seguramente
Pódes seguir o passo duvidoso,
Pois a seguirmos a razão inclina
O que o Grande Decreto determina.

XXI.

Entrar bem pódes com seguridade,
Que da medonha vista e fero aspecto
Redundará subir á Eternidade
Maior pesar do damno que tens feito;
E pois tanto não póde a humanidade
Entregue ja nas mãos de seu defeito,
Que nasça só de amor o sentimento
Nascerá no receio do tormento.

XVIII.

Comtudo he tal a fraca natureza
 Que estando o espirito ja prompto e
 Sujeito inda á natural fraqueza
 Me parece este passo áspero e duro:
 E assi como no mal, cuja grandeza
 Não gastará nenhum tempo futuro,
 Sou por justa sentença comprehendido
 Assi não perco o medo do sentido.

XIX.

Bem claro está que tendo a Deos
 Quando seu grande amor me não
 Que fôra vivo em fogo sepultado
 S'inda tão leve pena merecera
 A piedade vejo de que usado
 Tem, e onde o rigor seu se es
 Mas que farei? que todo rep
 A culpa que me accusa, e m

XVIII.

fôrma desusada
 mostravão)
 as figurada
 semelhavão,
 za celebrada
 avens se igualavão,
 onstruosidade
 quantidade.

XXIX.

do monstro horrendo
 nada se vestia
 nobre parecendo
 tra cada dia;
 S'vão tecendo
 durezza não cobria,
 ssas se esparzião
 troncos parecião.

XXVI.

Era de negra côr, áspera e dura
Que ferreas barras toda atravessavão,
Onde igneos bicos esta contextura
Com temerosa vista penetravão ;
Dá livre entrada a toda a creatura,
Cerrada sempre os de dentro achavão,
Esta letra com sangue tinha escrita :
« Aqui toda a esperança se limita ! »

XXVII.

Sobre este grão prospecto cavernoso
Hũa Mulher sentada se mostrava
N'hum animal em tudo monstruoso
Que sobre varias aguas caminhava ;
De sangue e fogo o mixto temeroso
Parece que na côr representava,
Ou aquelles incendios com que fica
A tarde que secura prognostica.

XXVIII.

Esta fórma, que em fórma desusada
(Onde sete cabeças se mostravão)
Estava com dez pontas figurada
Que nodosas antenas semelhavão,
Da Atlante a grandeza celebrada
Com que apenas as nuvens se igualavão,
Á vista de tão grã monstruosidade
Ficára imperceptivel quantidade.

XXIX.

Ella da mesma còr do monstro horrendo
N'huma roupa adornada se vestia
Do metal que mais nobre parecendo
Mais vilezas nos mostra cada dia;
E delle varios ramos vão tecendo
Tudo o que a bordadura não cobria,
Onde as perolas grossas se esparzião
Que fructos destes troncos parecião.

XXX.

As joias que nas partes ordinarias
Estavão com policia repartidas,
C'os esmaltes que tem de côres varias
As mesmas côres ficão mais subidas ;
Assi não só Celestes Luminarias
Se julgarão do Sol sendo feridas,
Mas se a vista se crêra parecerão
Que quantas joias são, tantos Soes erão.

XXXI.

Na mão hum aureo vaso levantava,
(Divisa apropriada a taes sujeitos)
Que d'abominações cheio mostrava,
E de lascivias mil torpes effeitos ;
O sangue bebe só que derramava
O tyranno poder dos firmes peitos.
Dos Martyres daquelle Sol Eterno
Sustentação do Ceo, terror do Inferno.

XXXII.

Do ruinoso Monte estão pendendo
Penedos na grandura monstruosos,
Sobre a porta medonha parecendo
Ameaçar precipicios temerosos ;
Por elles repartidos se estão vendo
Da Velhice os achaques trabalhosos,
As pallidas Doenças, e a Pobreza
Cruel incitadora da vileza.

XXXIII.

Os Trabalhos, a Morte insaciavel,
O Somno seu retrato, alli se via
A macilenta Fome intoleravel
Que vergonhosos crimes commettia ;
A Guerra sanguinosa e implacavel
Com furibundo aspecto apparecia,
A Mentira mais feia e mais damnosa
No penedo mais alto está medrosa.

XXX.

As joias que nas partes ordinarias
 Estavão com policia repartidas,
 C'os esmaltes que tem de côres varias
 As mesmas côres ficão mais subidas;
 Assi não só Celestes Luminarias
 Se julgarão do Sol sendo feridas,
 Mas se a vista se crêra parecerão
 Que quantas joias são, tantos Soes er

XXXI.

Na mão hum aureo vaso levantava,
 (Divisa apropriada a taes sujeitos)
 Que d'abominações cheio mostrava,
 E de lascivias mil torpes effeitos;
 O sangue bebe só que derramava
 O tyranno poder dos firmes peitos.
 Dos Martyres daquelle Sol Eterno
 Sustentação do Ceo, terror do Infe

que succede
 E os que
 sr effeito,
 O que m
 aalicia impede
 Por h
 os seu direito;
 O livre
 he concede
 Irão leg
 effeito,
 Daquelle
 no Officio
 Porém
 uel vicio.
 Não seria

sendo
 o levantava
 E per
 o horrendo,
 Onde se
 ue admirava;
 Via
 percebendo
 O modo
 ameaçava
 Alli m
 peccados
 Cada culp
 castigados?
 Ser-lho
 Sem esp

XXXVIII.

E os que s'enganarem desejando
O que mil vezes a razão duvida,
Por hum amor illicito trocando
O livre estado d'hũa justa vida,
Irão logo o rigor experimentando
Daquella pena com razão temida ;
Porém ainda assi nella affligidos
Não serão de seu erro arrependidos.

XXXIX.

E penetrando nesse ardor intenso,
Onde os sanguinolentos terão pena,
Via esforçado com vigor immenso
O modo em que o tormento se lhe ordena ;
Alli martyrisada por extenso
Cada culpa será das que os condena,
Ser-lhe-ha cada momento cem mil annos
Sem esperarem fim de tantos dannos.

XL.

Mostrava-se outro fogo que succede
De maior intensão e mór effeito,
Para aquelles a que a malicia impede
Guardar em tudo a todos seu direito;
Estes como de Deos se lhe concede
Dar á distributiva justo effeito,
Usando mal de tão Divino Officio
Terá tão cruel pena o cruel vicio.

XLI.

Ávante estava logo parecendo
Hum incendio, que tanto levantava
O denegrido fumo, e fogo horrendo,
Que com rasão parece que admirava;
Adão com novo espanto percebendo
As penas que esta pena ameaçava
Ao Filho pergunta: Que peccados
Hão de ser em tal modo castigados?

XLII.

Responde : Este logar a que he negado
Signal por onde seja conhecido,
Como viste nos mais, está guardado
Para o mal, que atéqui vive escondido ;
Nelle terá castigo o grão peccado
Da mesma natureza aborrecido,
Onde tambem virão pagar aquelles
Homecidas de quem se fiou delles.

XLIII.

Outra medonha estancia parecia,
Na qual com novas penas aguardavão
Aquelles, de que a Patria sentiria
Como contra ella o Rei aconselhavão ;
E porque o sangue della se faria
Preço, com que outros cargos se compravão,
Não só será dos cúmplices o dano
Tratado com rigor tão deshumano ;

XLIV.

Mas por occulta e nova providencia
(Que ainda aqui com justa Lei governa)
Terão estes da propria consciencia
Outra pena maior, e mais interna;
Que como seu poder a preeminencia
Meios farão de tyrannia eterna,
Assi d'alma terão novo castigo
Além do que esta pena traz consigo.

XLV.

Ah! se a Divina Essencia consentira
Que estes a seus arbitrios castigados
Fossem das negras Furias, cuja ira
Será insaciavel nos culpados,
E que dos que governão lá se vira
O modo em que estes crimes são tratados,
Por ventura que fôra este receio
De tão enormes culpas duro freio.

XLVI.

Mas nest'outra officina que parece
Por mais duros Ministros governada,
Que em globosa fumaça trepa e crece
D'estridentes faiscas penetrada,
Será aquelle logar que se merece
Da gente voluntariamente errada,
Cruéis despresadores da verdade
Só por seguir tão bruta liberdade.

XLVII.

Oh fraqueza cruel, crua, homicida,
Que nem verdades poderão vencella,
Sendo o jugo suave, eterna a vida,
Por nojosas torpezas quer perdella!
E quando a Fé não fôra conhecida
Dos milagres que visto terão nella,
Bastára vêr Varões tão excellentes
Reprovar idiotas insolentes.

XLVIII.

Infinitos logares se seguião
 Onde os duros Ministros concorrendo
 Differentes tormentos se lhe vião
 Para as almas estão apercebendo ;
 Rios estas estancias dividião
 Que em logar d'agua fogos vão enchendo,
 Por que as chammas das penas desusadas
 Fossem destas enchentes renovadas.

XLIX.

Emfim não póde haver culpa tão feia
 Nem traça nova d'animo damnado
 Que ja nesta infernal e grã cadeia
 Não tenha seu tormento aparelhado,
 O desejo que em males se receia,
 O fingimento misero e coitado,
 A inveja tão falta de desculpa,
 Que quanto cresce a pena, cresce a culpa.

L.

As machinas medonhas, os bramidos,
As rugidas de ferros arrastando,
As confusões horrendas, os gemidos,
Os uivos, nas cavernas retumbando,
Com intenso temor frios não cridos,
O fogo nas entranhas ateando,
A misera soberba que se augmenta
Hum novo Chaos d'Infernos representa.

LI.

Para vêr estas cousas aguardavão
Que as azuladas chammaes scintillassem,
De quem as tristes luzes não obravão
Tanto, que as trevas dellas se apartassem,
Cujos grossos vapôres occupavão
O ar espesso e negro, d'onde nascem
Taes corrupções corruptas de tal sorte
Que assemelhavão ser morte da morte.

LII.

Mas lá no mais interno do profundo
Logar, que o centro na sua noite encerra,
Lá onde nasce aquelle furibundo
Fogo, que em bocas rompe sobre a terra,
Estava o grande imigo que no mundo
Faz tão cruel e entranhavel guerra,
Que nunca pôde nelle o mortal dano
A sêde mitigar do sangue humano.

LIII.

Este com tal soberba padecia
Que inda o Reino dos Medos assombrava,
E com tremenda voz, que parecia
Terremoto que o Mundo arruinava,
Contra a Celeste Patria repetia
Com tal excesso quanto blasfemava,
Que nas queixas a dôr se vê presente
Aonde vive e morre eternamente.

LIV.

Qual he o terço Globo cristalino
Penetrado da luz que tem diante,
Sem solução do corpo diamantino
Nem se ecclypsar o raio penetrante,
Assi Plutão ardendo de contino
Naquelle incendio horrendo e crepitante,
Tem outro Mongibello ja no peito
Sem divisão algũa de sujeito.

LV.

A crua dôr, as flammias mais ateia,
Quando o mortal sujeito considera,
Onde a obstinação se desenfreia,
Com que de novo o fogo mais se altera ;
Tudo o que a pena faz horrenda e feia
Mostrava nelle a quanto se estendera,
Mas em tormento tal, tão forte e horrendo
Maior pena padece, inda entendendo.

LVI.

Aqui Abel ao Pai, que confundido
Via daquella vista temerosa,
Disse: Debaixo do mortal sentido
Não cabe hũa afflicção tão espantosa;
Pódes só perceber que sendo crido
Deste, que sua pena rigorosa
Hum momento com quantas vês trocára
Que só nesta esperança descansára.

LVII.

Porém se onde o erro tem chegado
Chegar podéra algum entendimento,
Viras alli, d'onde elle está abrazado,
Mór a Misericordia, que o tormento;
Porque como era crime incomparado
O d'onde a pena traz seu nascimento,
Quanto maior podéra padecella
Tanta Misericordia se vê nella.

LIV.

Qual he o terço Globo erigido
 Penetrado da luz que tem
 Sem solução do corpo diário
 Nem se ecclipsar o raio
 Assi Plutão ardendo de co
 Naquelle incendio horren
 Tem outro Mongibello ja
 Sem divisão algũa de suj

LV.

A crua dôr as flammas
 Quando o mortal sujeit
 Onde a obstinação se de
 Com que de novo o fog
 Tudo o que a pena faz
 Mostrava nelle a quan
 Mas em tormento tal,
 Maior pena padece, ir

LXIV.

Eu não sei lá sobre a obra contra Deos obrada e obediência
 Que grãos de Gloria se que viste a justa pena, e a
 Nem quaes descansa a misericordia executada,
 A firme resistencia se pre baze de quanto Elle ordena;
 Sei só porém, que que r tão pouco prego dada,
 De que são tantos a na despresa se condena,
 Não fóra premio d'ela engão boa, limpa, e inteira
 Que era assaz não se e patria verdadeira.

LXV.

lá se pésa e mede
 Abel lhe disse: Confesso o exacto e tão devido,
 Bem he que n'alma se ar e assistencia pede
 Que fazendo da obra ou do premio merecido,
 De lagrimas a vida se e a dura morte impede
 Resta só que te diga a alvedrio conhecido,
 Que aqui nos trouxe a pa propria então perecem,
 C'os logares á pena nem Gloria estes merecem.
 Para esses reprovados,

LXVI.

Ficando assi na triste escuridade
Daquella cova sem nenhum tormento
Estarão toda a longa eternidade,
A que medir não póde o pensamento,
Se os Segredos de Deos, e Alta Bondade
Os não guardar por algum justo intento
Para occupar o Mundo eternamente,
Quando o fogo o deixar livre da gente.

LXVII.

Mas emfim vejo quasi afigurado
Como por entre nevoa, ou sombra escura
Trazer o lento tempo hum dôce estado
Tanto em favor de toda a creatura,
Que até aquelles a que então fôr dado
Por molle berço a fria sepultura
Poderão alcançar a Gloria Immensa
Que tanto aos Homens della Deos dispensa.

LXVIII.

Aquell'outra prisão que alli ficava
Aonde o mesmo fogo se está vendo,
Do martyrio infernal nada distava
Seu intensivo ardor, medonho, horrendo;
Na esperança só differença
Dos que no Reino escuro estão ardendo,
Que até naquellas penas desusadas
Tem logar esperanças bem fundadas.

LXIX.

Mas como no peccado commettido
Duas deformidades se conhecem,
No tormento por elle merecido
Dois castigos distinctos se padecem;
E quando hum pela Graça he remettido,
Aquelles, que se julga que o merecem,
Pagão alli das penas que devião
As que ás temporaes culpas respondião.

LXX.

Porém eu disto tão sómente alcanço
 O que o Summo Factor quiz que acenasse,
 Para que seu amor benigno e manso
 Vejas como convém que se tratasse;
 E qual lá seja esse immortal descanso
 Elle ordenou que te eu communicasse
 Por meio do que pode o entendimento
 Alcançar desse Ethereo e Puro Assento.

LXXI.

Isto dizendo assi qual se movera
 O peso livre de alto derribado,
 Que tanto mais veloz curso fizera
 Quanto estivera ao centro mais chegado,
 Adão se achou junto á primeira Esphera
 Quasi d'extremo a extremo arrebatado,
 Aonde de se vêr foi tal o espanto
 Como eu de imaginar no quarto canto.

ARGENTINA

CANTO QUARTO:

—
PARAIZO.

XVIII.

Olha bem que benigna e radiante
 He a luz do Planeta a que chegámos,
 Á natureza humana semelhante
 Seu temperado influxo que logramos,
 Faz-lhe ficar da Terra tão distante,
 Que esta grandeza sua lá ignoramos,
 Mas de tão longe o julga a mortal gente
 (Attributo do bom) por excellente.

XIX.

E como se não dá que algum aspecto
 Do venenoso Marte aproveitasse,
 De Jupiter jamais se vio effeito
 Que das cousas a ordem perturbasse;
 Que aonde tem lugar hum bem perfeito
 Mal póde seu contrario sujeitar-se,
 Antes vive hum do outro tão alheio
 Que nunca em seus extremos s'achou meio.

XX.

Aqui verás agora, lhe dizia,
 Nesta erratica Estrella derradeira
 A maligna influencia, secca e fria,
 E que em mais tempo faz a volta inteira;
 Opposta em natureza á luz do dia,
 Do silencio da noite companheira,
 Infortuna maior, cuja presença
 Só o que encontra a vida nós dispensa.

XXI.

E qual a Venus Jupiter precede
 Na benigna influencia temperada,
 Assim a Marte este Saturno excede
 Na má radiação, e depravada;
 Pelo mesmo caminho os passos mede
 Da ordem dos mais Orbes declarada
 O combusto Mercurio só tirando
 Que com cinco ou dois centros vai voltando.

LIV.

Porém ainda assi quando apartadas
 Fôrem dessa terrena vestidura,
 As almas, poderão vêr-se sentadas,
 Nestas Cadeiras cá da Summa Altura;
 Serão muitas primeiro condemnadas,
 Outras detidas em prisão escura,
 Até que a luz do Mundo alumando,
 Para a Celeste Patria as vá guiando.

LV.

Vêr-s'hão estes logares repartidos,
 Segundo foi o modo d'alcançar-los,
 Huns com duros tormentos merecidos,
 Outros só ensinando a despresa-los;
 Quaes com suspiros d'alma despedidos
 Terão ditosa sorte de logra-los,
 Que então ja bastará hum só gemido,
 Para alcançar estado tão subido.

LVI.

Os vencedores do mortal combate
Que a carne dá por modos diferentes,
Inimigo que d'alma os muros bate
De sorte que acha poucos resistentes,
Naquelle ordem onde a luz dilate
A impressão dos raios refulgentes,
Com palmas virginaes alli sentados
Serão com bens eternos premiados.

LVII.

Aquelle Assento que essa intelligencia
Por mais bella de todos occupava,
Lusbel, cuja perfeita e bella essencia
Nenhum dos outros Anjos igualava,
Guardada está da Summa Sapiencia
Para hum Homem que o Mundo duvidava,
Se no humano o Divino lhe escondece
Tanto (humano) Divino lhe parece.

LXX.

Mas nesta Jerarchia, que parece
 Superficie de tal circumferencia,
 No concavo preside e resplandece
 Das virtudes a nobre preeminencia;
 A grande operação que se conhece
 Dos milagres da Summa Omnipotencia
 He desta ordem primeira, cujo officio,
 A quanto incluye o Ceo sempre he propicio.

LXXI.

Aquelles, de que as vês estar cercadas,
 Archanjos são, Ministros escolhidos
 Para essas tão Divinas Embaixadas
 Dos Divinos Juizos escondidos;
 Os Anjos, a que são encommendadas
 As Guardas dos mortaes tão perseguidos,
 Neste ultimo circulo assistindo
 Ficão os nove Coros incluindo,

LXXII.

Sem discurso os effeitos estão vendo
Quando das causas tem conhecimento,
Que he meio o conhecer não discorrendo
Entre o mór e menor entendimento;
Discursando os mortaes vão conhecendo
Em quanto o corpo he d'alma impedimento,
Deos todos os futuros contingentes
Fóra das mesmas causas tem presentes.

LXXIII.

Porém daquella Essencia Incomprehensivel
Que potencia mortal não póde vella,
Declarar-te o sujeito he impossivel
Quando os Anjos não podem comprehendella;
He hũa Luz Eterna Inaccessivel,
Não ha logar que esteja falto della,
E onde não assiste deleitando
Está por assistencia castigando.

LXXXII.

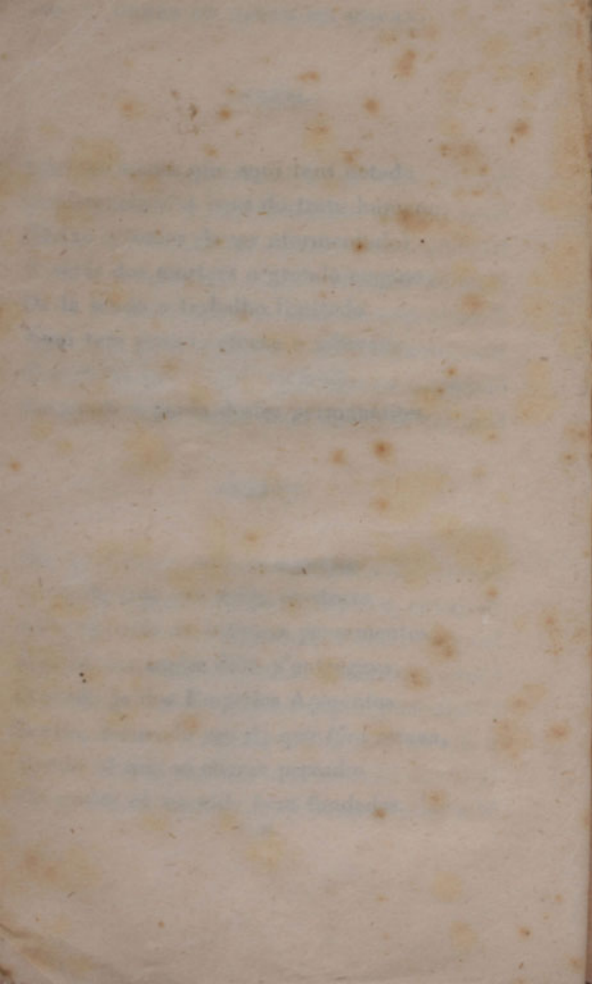
Faze do menos que aqui tens notado
 Conferencia c'os bens do trato humano
 (Deixo o temor de ser atormentado)
 E verás dos mortaes o grande engano;
 De lá sendo o trabalho limitado
 Aqui tem premio eterno e soberano,
 E a gostos que são só accidentes
 Responde a perda destes permanentes.

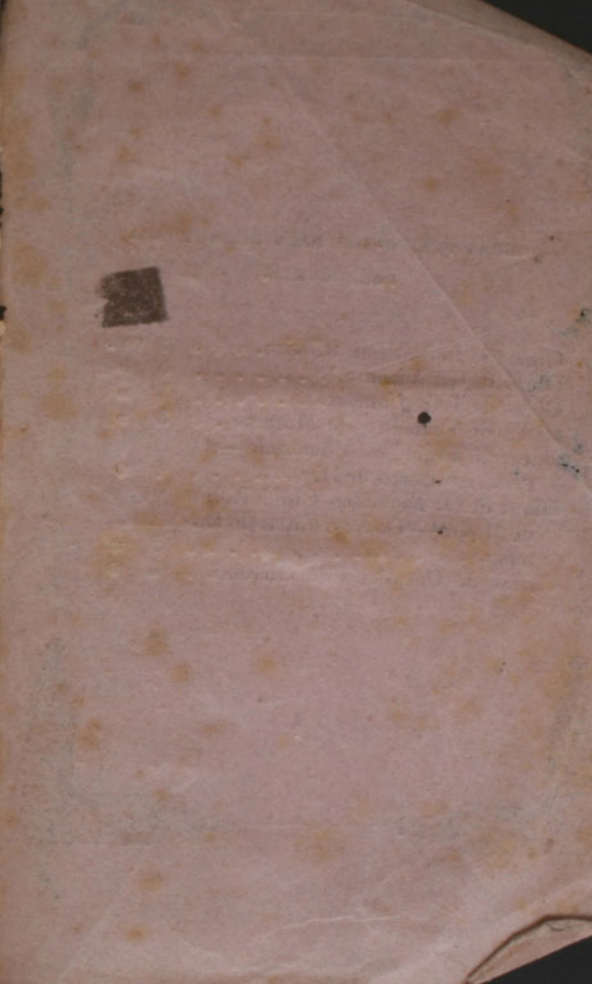
LXXXIII.

Mas proferia os ultimos accentos
 Abel, de cuja voz Adão mostrava
 Tal suspensão de internos pensamentos
 Que só nas acções d'elle s'entregava,
 Quando ja dos Empirios Aposentos
 Sentio, tornando em si, que fóra estava,
 Aonde vê que só chorar peccados
 São gostos cá na vida bem fundados.

FIM.







OBRAS PUBLICADAS PELA BIBLIOTHECA
PORTUGUEZA.

Obras de Bernardim Ribeiro. . . .	1 vol.
Obras de Gil Vicente.	3 ”
Obras de Luiz Camões.	3 ”
Obras de Francisco de Moraes. . .	3 ”
Obras de Francisco d'Andrade — O Primeiro Cerco de Diu.	1 ”
Obras de D. Francisco Child Rolim de Moura — Os Novissimos do Ho- mem.	1 ”
Cartas do Cavalleiro de Oliveira. .	3 ”